O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV

ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANNO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: anno 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assignaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

Quarta-feira 2 de junho de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assigna-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:494

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

SUMMARIO:—QUESTÕES ECONOMICAS.—APRECIAÇÕES.—NOTICIAS LOCAES.—AS FESTAS DO CASAMENTO DO PRINCIPE D. CARLOS.—NOVAS DE LONGE.—O BRAZÃO D'ARMAS DO SERENISSIMO PRINCIPE REAL D. CARLOS.—LUIZ FILIPPE E VICTOR HUGO.—DOCUMENTO CURIOSO.—SCIENCIAS.—ARABESCOS E MINIATURAS.—PARTE OFFICIAL.—TELEGRAPHIA.—CARTA DE LISBOA.

Aveiro

QUESTÕES ECONOMICAS

No dia 29 de maio no mercado de cereaes de Lisboa tiveram os generos os seguintes preços:

	13	8
Trigo nacional, rijo lobeiro	610 a 640
» dito » regular	520 a 530
» » durasio	560 a 580
» » ribeiro, fino	540 a 550
» » nacional temporão	500 a 520
» palhinha americano, captivo	430 a 440
» » » despachado	570 a 580
Milho:	
Nacional da terra amarello	350 a 360
De Vianna — dito	330 a 340
» » — branco	320 a 330
Casa Branca, captivo	210 a 220
dito despachado	320 a 330

Em Aveiro a medida da praça, que é pouco inferior a 20 litros, custa o milho 280 reis e o trigo 580. Quer isto dizer, que o preço dos cereaes não compensa os esforços do agricultor, e que se o governo não providenceia immediatamente sobre o caso, teremos uma perturbação economica no paiz, que só muito tarde poderá ser dissipada, e ainda assim á custa de enormes sacrificios.

Não se suponha porém que a barateza dos cereaes no mercado nacional provém da liberalidade da producção de 1885. A ultima colheita deu excellentes resultados, mas só por si seria insufficiente para determinar tamanha baixa no custo do trigo e do milho. A concorrencia estrangeira é principalmente a causa da reducção dos preços, e contra semelhante facto temos nós sustentado ha annos a crusada na imprensa, entendendo que o governo deve attender ás circumstancias precarias da lavoura, aos encargos que a oneram, á importancia das exigencias fiscaes, que são já exorbitantes, auxiliando-a quanto possivel, a fim de que ella não definhe, antes se sustente e progrida.

E' inquestionavel que a importação de cereaes da America é a causa primordial da grande baixa no preço dos generos nacionaes. E para restabelecer o equilibrio é forçoso haver direitos de importação, que nivelem a differença. Se sobre os productos cerealiferos estrangeiros incidir só o imposto estatistico, como succede actualmente, o desequilibrio permanece, e por tanto a compensação deixa de existir. Se porém o governo ponderar bem a questão, e proceder de harmonia com as representações do paiz, os interesses legitimos da agricultura ficarão salvaguardados, sem que o facto imponha maiores sacrificios ao consumidor.

Temos dito por vezes, que o actual estado de cousas aproveita só ao especulador, que mandou vir os generos de fóra e com elles faz concorrencia á producção nacional. E todavia não se conhece differença nem no preço nem no pezo do pão manipulado. Logo duas classes numerosas e importantes são exploradas em beneficio do reduzido numero de especuladores, que estão assim auferindo incalculaveis interesses.

Somos em these partidarios da livre troca, mas é inadmissivel a aplicação do principio ao caso sujeito, porquanto seria a ruina do paiz, que é principalmente agricola. E não se diga que uma nação em taes condições de inferioridade não merece que se abra para ella a excepção de restabelecer os direitos protectores. A America, que tem sido o celeiro da Europa, vê-se já assoberbada pela concorrencia dos cereaes da Asia, que produz ainda mais barato. E nos estados republicanos da união, falla-se já em tributar os productos cerealiferos aziaticos, como salvaterio das até aqui uberosas regiões americanas. Vê-se pois que a democracia pura se opõe ao exercicio da livre troca, e quer já estabelecer um protectorado para os seus productos.

A real associação d'agricultura, que tem em Lisboa a sua séde, dirigiu-se ha dias ao nobre presidente do conselho, pedindo-lhe para que o governo resolva a questão magna, a questão do dia, que é attender ás justissimas reclamações da lavoura. S. ex.ª respondeu-lhe, que era tambem agricultor e conhecia praticamente as difficuldades com que estava luctando a agricultura nacional. Por tanto a opinião de s. ex.ª é favoravel, e o que convém é que o poder executivo se ocupe com brevidade do caso, para o resolver de conformidade com as conveniencias da quasi totalidade da nação.

Devemos accrescentar que sendo até a pouco a criação e engorda de gado bovino um dos mais poderosos auxiliares da industria agricola, o commercio affrouxou n'estes ultimos tempos, falhando a exportação para Inglaterra, em consequencia da concorrencia americana. Este facto é demasiado importante para que passe desappercebido para o governo. E' elle mais um argumento a favor do augmento do imposto aduaneiro sobre os cereaes estrangeiros.

Tambem é optimo o ensejo para que o governo se occupe da extincção do imposto do sal. Prometteu fazel-o o partido progressista anteriormente ao seu advento, e sabemos que mantem com firmeza o seu proposito. E' porém necessaria a demonstração. Seria muito agradavel ao paiz que o governo o fizesse já. Esta medida faria subir os fundos da sua popularidade, acabando com as anomalias que ahi se estão dando, e que offendem o direito de propriedade, prejudicando o commercio e a navegação.

Continuamos na brecha, e não afrouxaremos na crusada. O governo que faça o que deve a si e ao paiz, e a sua iniciativa será aplaudida por todos os que zelam devéras a dignidade do poder e os interesses legitimos da nação.

APRECIAÇÕES

(CONTINUAÇÃO.)

Do *Districto de Vizeu*:

«*Sombrios.*—Com este titulo publicou o distincto poeta e nosso collega nas lides jornalisticas, Firmino de Vilhena, uma collecção de poesias, que é um primôr typographico, se a considerarmos pelo lado material, e um documento de alto valor litterario, se attendermos á belleza d'aquellas singelas e inspiradas estrophes.

Felicitamos o novo poeta pelo seu trabalho, que é uma esperança formosa e a affirmação de um bello talento poetico. Ao mesmo tempo agradecemos a amabilidade da generosa dedicatoria.»

Noticias Locaes

Graça.—Foi elevado a conde de Foz d'Arouce o visconde do mesmo titulo. Quem o não conhece no nosso districto? Todos o respeitam, porque é um perfeito cavalheiro, simpathico, lhano no modo de tratar a todos, sem refolhos, um completo homem de sala, e um caracter muito illustrado. Allançado a uma das principaes familias do paiz, reflecte-se n'elle a muita estima que todos consagram ao honrado marquez da Graciosa, e a seu filho o conde do mesmo titulo, um dos caracteres mais francos e mais leaes que conhecemos.

A elevação a conde do sr. visconde de Foz d'Arouce, honra o governo, e é digna de menção especial. Aqui a fazemos, e com os nossos emboras, receba o nosso respeitavel amigo cordeal abraço, como expressão sincera do conceito que sempre formamos do seu caracter moral e intellectual.

Apontamentos de carteira.—Retirou na proxima passada segunda-feira para Ovar, incommodado de saude, o nosso amigo e distincto quintanista de Direito, o sr. dr. Fragateiro, a quem desejamos melhoras rapidas.

— Esteve ante-hontem n'esta cidade o sr. barão de Recardães. S. ex.ª regressou n'esse mesmo dia á sua casa da Bairrada.

— Chegou ha dias a esta cidade, acompanhado por sua ex.ma espoza, o coronel de estado-maior de infanteria e presidente da junta de revisão d'este districto, o sr. Antonio Fallé Silveira Barreto. Suas ex.as estão hospedados no Hotel da Boa Vista.

— Feriu outro dia levemente um olho com uma agulha de meia a ex.ma sr.ª D. Andreia da Gloria Fernandes Pereira, formosa filha do nosso prestante amigo o sr. Elias Fernandes Pereira. Lamentamos, mas é-nos grato saber agora que s. ex.ª se acha consideravelmente melhor, pois o ferimento não teve felizmente a gravidade que presumiramos.

— Chegou ha dias aqui o sr. dr. Elmano da Cunha, distincto advogado dos auditorios de Lisboa.

— Está já restabelecido do seu ligeiro incommodo, a ex.ma sr.ª D. Emilia Cesar de Sá, gentil filha do nosso amigo e intelligente delegado do procurador regio, o sr. dr. Cesar de Sá. Os nossos parabens.

— Uma filhinha do sr. dr. Ruy Couceiro da Costa, que se achava ha tempos sériamente doente, está já bastante melhor, graças aos cuidados do nosso distincto amigo o sr. dr. Pereira da Cruz.

— Deve partir no proximo sabbado para a Serra, em tractamento aos seus incommodos, a filha mais nova do sr. morgado Couceiro da Costa.

— Em consequencia do mau tempo que fez no domingo ultimo, não poude realisar-se a *soirée* familiar que costuma haver em todos estes dias no *Gremio Aveirense*.

Estabelecimento de exportação.—Visitamos ha dias o novo estabelecimento que o sr. João Pedro Soares montou na rua da Fabrica. E' de vinhos da Bairrada destinados á exportação para os portos do Brazil. O sr. João Pedro Soares commerceia ha muito com aquelle imperio, mas ultimamente á vista da procura que tem tido o vinho que para alli manda, resolveu dar maior desenvolvimento ao seu negocio, o que prova que o genero que tem a marca que adoptou é de boa qualidade, pois se vende por melhor preço que qualquer outro tanto no Pará como no Rio de Janeiro.

O sr. Soares está disposto a mandar d'aqui directamente para o Brazil um navio com o seu vinho, no que anda muito acertadamente, pois as remessas por Lisboa e Porto sujeitam o genero a grandes baldeações, o que é sempre inconveniente. Se o nosso conterraneo conseguir o intento, parece-nos que o seu commercio ha de alargar-se consideravelmente.

Junto do armazem da Fabrica montou o mesmo industrial uma officina de tanoaria, que lhe prepara os barris para exportação, e ao mesmo tempo avia quaesquer encommendas para o publico, o que é sempre vantagem. Temos por tanto em Aveiro um estabelecimento de vinhos para exportação, que pelo seu aceio e cuidado em comprar só das melhores qualidades do genero que a Bairrada está produzindo, dá solidas garantias ao commercio, e promette tomar grande desenvolvimento. Estimamol-o, porque nos interessa tudo quanto póde contribuir para o bom nome e para a prosperidade das industrias da nossa terra.

Regresso.—Já teem regressado a suas casas os que d'ellas sairam para assistirem ás festas com que Lisboa solemnisou o consorcio do principe real. Para muitos esvasiou-se a maquia das economias, e vão de novo mourejar, depois d'aquelle grande regabofe, que faz ainda objecto das estiradas palestras entre amigos e visinhos. E' certo porém, que em quanto o povo se diverte, os negocios publicos correm bem, e quando ha dinheiro para gastar não ha parente pobre, nem razão alguma de polpa, em que se estribem as oposições desbragadas.

Considerações.—Ha fortes suspeitas de que a quadrilha de ratoneiros, que ha tempo a esta parte perturba o viver tranquillo da nossa população, não se compõe só de individuos estranhos á terra. Uma ou outra vez aparece algum forasteiro, como os que roubaram os negociantes, os srs. Coelho e Lopes, mas isso é por excepção. O grosso do exercito é infelizmente producto indigena.

Conta-se que alguns individuos frequentadores de casas de batota, teem perdido ao jogo d'azar quantias relativamente importantes, e que não cabem nas forças dos seus recursos ordinarios. E é certo que depois d'isso é que teem sido assaltadas algumas casas, em plena cidade.

O jogo pois é o primeiro factor do actual estado de cousas, e é ao jogo de azar que se deve fazer guerra de morte. Deve a auctoridade administrativa tomar de sua conta as casas de tavolagem, e não as deixar respirar. O jogador infeliz, esgotados os recursos legaes, lança mão d'outros expedientes, e para haver dinheiro não poupa esforços, nem se forra a nenhuma canseira.

Levantamos a ponta do véu, e agora o elemento official que faça o resto, que é muito. E se para lograr o desideratum for necessario recorrer a providencias excepcionaes, andem para a frente, que terão o nosso apoio. Urge operar a borbulha para que com o tempo não se transforme em cancro. Para isto concorrerão todos os bons cidadãos.

Baptisado.—No sabbado de tarde teve logar no templo da Apresentação o baptisado do filho mais novo do nosso presado collega, dr. Barboza de Magalhães, recebendo o neophito o nome de Antonio. Foram padrinhos o nosso estimavel amigo, *dr. Pereira da Cruz* e a avó materna. Os nossos sinceros parabens.

Nomeação acertada.—Foi hontem nomeado escrivão e tabellião interino do julgado de Vagos o nosso intelligente amigo o sr. Silverio de Magalhães. Esta nomeação honra sobre modo quem a fez, porque o sr. Silverio de Magalhães é um moço extremamente sympathico, um caracter nobre e sério, um exemplar trabalhador e um cavalheiro distincto. Os nossos sinceros parabens ao nosso bom amigo, e as mais ardentes felicitações ao povo de Vagos, que vae ter um funccionario distincto e digno.

Extorsão.—Consta-nos que a junta de parochia d'Albergaria-a-Velha, ou o seu thesoureiro, está exigindo a cada um dos seus foreiros, quando não são do seu agrado, além do respectivo fóro em divida, a quantia de 2$170 réis, a titulo de custas, quando é certo que nenhuma d'essas dividas foi ainda relaxada, nem houve sequer principio algum de processo judicial ou administrativo para a sua cobrança.

A illegalidade e abuso d'esta exigencia bem se manifestam no facto de o thesoureiro se negar a passar recibo das quantias que assim recebe a mais do que o fôro, e que muitos na boa fé lhe tem pago.

Chamâmos para o facto a attenção do ex.mo governador civil, do sr. administrador do concelho, e ainda do sr. delegado do procurador regio da comarca de Agueda, que pode tambem encontrar n'elle alguma cousa que promover.

Estabelecimento industrial.—Ao que dissemos sobre a fabrica de escabeche, temos a accrescentar o seguinte: Os srs. Amiene Fréres, de Paris, tencionam montar aqui um grande estabelecimento, manufactor de conserva de sardinha em azeite e escabeche, á similhança de 17 estabelecimentos d'esta natureza, que teem estabelecido em varias costas de França, e Hespanha, e dos que ha tambem em Espinho, tendo os seus productos obtido premios em todas as exposições industriaes, e alcançando a medalha d'ouro na exposição franceza de 1878.

O local que escolheram é o da Ponte da Dubadoura, que comprehende os armazens dos srs. José Pereira Junior, Maria Biaia, e Souza Maia, e um terreno do sr. Elias Fernandes Pereira.

São obvios os beneficos effeitos que resultarão para esta terra de tão importante commettimento, e por isso esperamos que todos se compenetrem da sua conveniencia, concorrendo para a realisação de tão acertada ideia. Deve cada um concorrer com os elementos de que dispõe para que os obstaculos desappareçam, e para que se estabeleça quanto antes essa fabrica, que vae dar trabalho a muitos filhos d'aqui, e virá desenvolver muitas outras industrias annexas, que ahi definham á mingua de incentivo rasgado.

Demos appoio á industria, para que esta terra se levante do seu abatimento, pela actividade e iniciativa particular.

Cavallaria 10.—Regressaram aqui os srs. capitão Sarmento e alferes Barreira, com o destacamento que esteve em Braga. Regressaram tambem da capital, os srs. major Belchior Garcez, capitão Alcoforado, e tenente Faro. Chegou tambem a esta cidade o cirurgião-mór, sr. Anciães Proença.

Plenamente d'accordo.—O nosso estimado collega *Jornal do Povo*, d'Oliveira d'Azemeis, de hontem, diz sob o titulo

AO SR. GOVERNADOR CIVIL

o seguinte:

«O *Districto de Aveiro* faz a caramunha a respeito das coisas de Ovar, e pede ao sr. governador civil effectivo que faça entrar em ordem as cousas d'aquelle concelho.

Assim deve ser.

Veja o sr. governador civil se pode haver ás mãos a copia do recenseamento politico falsificado, e fazer com que dêem com os ossos na cadeia os falsificadores, os ladrões do direito eleitoral.

Veja se mette aquillo em ordem.»

Nós pedimos apenas o mesmo, mas sem esperança de bom resultado.

Emfim.—Segundo noticiam os nossos collegas da capital, o partido legitimista d'alli banqueteou-se no sabbado no Grande Hotel de Lisboa, protestando assim contra o auspiciosissimo enlace de SS. AA. o principe D. Carlos e princeza D. Maria Amelia. Innocente protesto. O jantar porém deu azo a uma importante manifestação que, cumpre registar. Segundo informa o nosso collega do *Correio da Manhã*, entre os brindes que se fizeram alli houve um do sr. Pereira da Cunha a el-rei e outro do sr. conde da Redinha a sua magestade a rainha.

Até que emfim o partido legitimista parece ter entrado no verdadeiro caminho. Que em boa hora o fizesse é o nosso mais ardente desejo.

Festa da ascenção. — Realisa-se ámanhã, conforme o antigo costume, esta solemnidade religiosa na egreja da Sé, onde actualmente serve de parochia á freguezia de Nossa Senhora da Gloria.

Na egreja de Jezus e pelo mesmo motivo haverá exposição do Santissimo pelas 12 horas do dia.

Festividade.—No domingo teve logar na capella de S. João, no Rocio, d'esta cidade, uma festividade em honra de S. Sebastião, a expensas de varias devotas dos bairros do Alboy e da Beira-mar, por a cidade ter sido preservada do terrivel flagello do colera. Constou de missa e sermão, estando muito concorrida.

Perdão.—Está já bastante adiantada, segundo nos informam, a assignatura aberta em casa do sr. Antonio José Martins, á Costeira, para a recita de amadores que ha de ter logar por todo este mez, no theatro d'esta cidade, com o drama *Perdão*. Prevenimos d'isto os nossos leitores, para que se preparem a tempo e horas.

Walsa.—O sr. João Pinto de Miranda, habil regente da philarmonica *Amizade*, acaba de compor uma formosa walsa a que deu o titulo de *Perdão*, para ser tocada na proxima recita do drama d'este mesmo nome, e que dedicou aos auctores da peça.

Telha franceza.—Deve chegar brevemente a esta cidade uma remessa d'aquella telha para a cobertura do primeiro lanço do novo quartel de D. Carlos. Este material, desconhecido até agora aqui, é fornecido pela excellente fabrica das Devezas dos srs. Costa & C.ª, e é mais solido e barato do que o nacional.

O coreto.—Está completamente coberto a zinco o elegante coreto que a camara está construindo no jardim publico. O rendado está tambem assente, procedendo-se agora á feitura do pavimento e pintura geral. Fica um pavilhão modelo, devido ao apurado gosto do nosso estimavel amigo o sr. Araujo e Silva, e com excepção dos pilares, todo o mais trabalho é feito por artistas aveirenses, sendo o de ferro do habil serralheiro, o sr. João Augusto de Sousa. A sua inauguração é muito breve, mas ainda não está marcado o dia.

Mercado de sal.—Continua em plena estagnação o mercado de sal. Não ha vendas porque todos esperam a extincção do imposto: não ha vendas e por conseguinte muitos braços estão sem trabalho.

Esperamos que o governo cumpra o seu dever e as suas promessas, e que não protele por mais tempo um negocio, de cuja demora está provindo tanto mal.

Obito.—Falleceu na sua casa de Vagos o sr. Antonio Annibal Barreto Feio, antigo escrivão d'aquelle julgado. Havia muito que a doença o ia defecando, e ha quatro dias desceu á terra o seu cadaver. Era natural d'Oliveira d'Azemeis, mas vivia em Vagos ha mais de 40 annos.

O Parlamento.—Este nosso presado collega chama no seu numero de sexta-feira para as avenidas do Caes a attenção da respectiva auctoridade. E' uma necessidade urgente fazer policial-as, e nós não só achamos isto um acto acertado, mas até julgamos forçoso que se faça. As embarcações que para alli veem á descarga fazem montar as amarrações por sobre as cortinas, e, como o amavel collega diz, das poucas pyramides que ainda restam nas linguetas, faça-se ao menos que as não percamos tambem.

O conflicto academico.—Terminou finalmente o conflicto levantado pela *parede* que os estudantes das tres faculdades de sciencias naturaes fizeram para não voltarem ás aulas. Indo hontem uma commissão d'estudantes procurar o sr. reitor, pediu-lhe para lhes serem descontadas as faltas anteriores, e promettendo voltar aos seus trabalhos escolares. Em vista d'isto o sr. reitor telegraphou para o sr. ministro do reino, e sendo a resposta affirmativa, tudo entrou na ordem de que jámais deviam ter saído.

As faculdades compromettidas na *parede* eram a de medicina, mathematica e philosophia.

Felicitamos por isso a academia e os poderes publicos.

Tempo. — Com uma variabilidade pasmosa tem corrido aqui o tempo n'estes ultimos dias. Durante o espaço de cada um chove torrencialmente, faz um sol creador e brilhantissimo, sopra levemente ou furiosamente o S., o N., o S. O., o N. O., todos os ventos em summa. No domingo, pelas 2 horas da tarde, a chuva parecia annunciar-nos um diluvio universal. O azul purissimo da manhã transformara-se n'um escuro chuvoso d'ahi a pouco, e os mais velhos d'estes sitios dizem não ter ainda assistido a uma chuvada assim. Os relampagos crusavam o espaço em espiraes enormes, e os trovões succediam-se rapidos. D'ahi a minutos a vastidão cerula limpava-se completamente, e um sol primaveral fulgia brilhantissimo sorrindo ás flores alagadas. Mais algum tempo, e a chuva, o vento, os trovões, os relampagos pairavam outra vez sobre nós. Hontem e ante-hontem foi pela mesma forma, com menos barulho no entanto. Hoje, á hora a que escrevemos, parece-nos ter socegado mais esta intemperança do tempo. Deus o queira, pois que isto assim corre mal para todos.

Cousas agricolas.—O tempo tem corrido agora mal, muito mal para a agricultura. As chuvas torrenciaes que teem caido empregnaram as terras por tal fórma, que muitos milhos estão perdidos; as searas estão muito prejudicadas; os batataes serodios em principio de se perderem por que a molestia os ataca cruelmente; os arrozaes temporãos cobertos d'agua até ao ponto de já se não descobrir a planta; as vinhas e as oliveiras muito damnificadas; as lavouras dos campos a atrazarem-se—tudo em fim a soffrer por fórma que aterra o lavrador. Se o tempo não levanta, dizem os mais versados em assumptos agricolas, que o anno será mau em todo o sentido.

Mercados de gado.—Melhoraram um pouco as condições dos mercados de gado bovino. Agora ha mais procura, tanto para a carne como para o serviço, e isso é bom. A differença de preços é porém pequenissima; a melhora consiste apenas em haver mais procura, mais movimento.

Trabalhos marnotaes.—No anno que vae correndo, já cinco vezes se tem reformado os trabalhos nas marinhas, trabalhos que estariam muito adiantados se as chuvas os não tivessem prejudicado tanto. Para tudo correr mal até as marinhas tem sido prejudicadas pelas chuvas, este anno tão repetidas.

Pesca no mar e na ria.—Até para estas industrias o tempo corre mal, prejudicando-as muito. O mar tem estado impraticavel, e a ria pelo grande volume d'aguas que contém, quasi que não permitte o serviço da pesca. E tudo assim—mal geral.

Mercado de pesca salgada.—Continua a estar abundantemente provido o mercado de pesca salgada. De Lisboa continuam a chegar por mar e por terra abundantes remessas de chicharro e sardinha, producto das armações de Cezimbra e das costas do sul do paiz, que continuam a ser favorecidas pela sorte ao passo que as costas do norte apenas contam grandes perjuizos. O chicharro regular está no mercado por 700 reis, a sardinha por 500 e 600 reis, as misturas por 450 e 500 reis cada milheiro.

Cheia na ria.—As chuvas teem engrossado tanto os rios confluentes da grande bacia, que ella vae a transbordar por sobre as vedações das marinhas. Isto em junho poucas vezes se tem presenciado, dizem os antigos.

Pesca do mar.—E' da *Independencia*, da Povoa de Varzim, a seguinte noticia:

«Nos dous primeiros dias da presente semana a pesca da pescada foi abundantissima, e ha muito que não vimos o mercado tão abundante. Nos outros dias da semana foi menor. Na praia sempre boas vendas. Os pescadores de sardinha tambem não tem perdido o seu tempo, pois que, embora em pouca quantidade, tem colhido a necessaria para prover de pão as suas familias.»

Ainda sobre o assumpto escreve o *Progresso do Algarve* de 30, o seguinte:

«Por terem apparecido as aguas negras em alguns pontos da nossa costa, onde estão lançadas armações d'atúm para a pesca d'este peixe, não têem ellas pescado nos ultimos dias.

Todas as fabricas de sardinha estabelecidas n'esta provincia estão agora trabalhando com a maior actividade pára aproveitar a grande quantidade de peixe que afflue ao mercado e o preço diminutissimo por que actualmente se vende. Para as fabricas de Olhão teem ido muitas mulheres das povoações visinhas.»

AS FESTAS DO CASAMENTO DO PRINCIPE D. CARLOS

FEIXE DE NOTICIAS

O baile que os srs. marquezes Oldoini offereceram no domingo no palacio da legações de Italia em honra dos reaes noivos foi uma festa esplendida.

Assistiram Suas Magestades el-rei e a rainha, o duque de Aosta, Sua Alteza o principe real, e os srs. infantes D. Affonso e D. Augusto. Sua Alteza real a princeza D. Amelia não pôde comparecer, por se achar ligeiramente incommodada.

Perto das 11 horas chegou a familia real acompanhada dos dignitarios de serviço, dançando-se em seguida a primeira contradança, cujos pares eram dispostos da seguinte maneira:

El-rei dançou com a sr.ª marqueza Oldoini, tendo por *vis-á-vis* o sr. marquez Oldoini, que dançou com a sr.ª marqueza do Funchal.

Sua Magestade a rainha dançou com o duque de Aosta, tendo por *vis-á-vis* Sua Alteza o principe D. Carlos, que dançou com a sr.ª baroneza de Schmidthalds, ministra da Allemanha.

O sr. infante D. Affonso dançou com a sr.ª duqueza de Palmella, tendo por *vis-á-vis* o sr. infante D. Augusto, que dançou com a filha da sr.ª marqueza Oldoini. Pouco depois de terminar a quadrilha real, o principe D. Carlos retirou-se para o palacio de Belem.

Sua Magestade a rainha, cuja magestosa elegancia não tem rival, trajava uma lindissima *toilette* de seda *broché heliotrope*, com *tablier* de preciosas rendas guarnecidas de perolas e flores.

Uma esplendida *reviére* com tres ordens de magnificos brilhantes adornava-lhe o pescoço. O cabello era semeado de estrellas das mesmas pedras.

El-rei e todos os principes trajavam casaca com as condecorações italianas.

Até ás 2 horas esteve aberto o buffete em que se fez o serviço de chá e gelados. A's 2 horas foi servida a ceia.

A familia real e o duque de Aosta foram servidos em meza especial, a que se sentaram, além dos donos da casa, as sr.as duqueza de Palmella, marqueza do Funchal, D. Anna Linhares, viscondessa de S. Januario, esposa do ministro da guerra, D. Rita de Barros Gomes, esposa do ministro dos negocios estrangeiros, e D. Lucinda de Macedo, esposa do ministro da marinha; e os srs. presidente do conselho, ministros da guerra, da marinha, da justiça, da fazenda, dos estrangeiros e das obras publicas, duques de Palmella, de Loulé e de Albuquerque, conde Balbo, Fontes Pereira de Mello, cavalleiro da Annunciada, e general D. Luiz de Mascarenhas, chefe da casa militar de el-rei.

*

Embarcou ante-hontem para bordo do *Saboya* o duque de Aosta. A's 3 e meia da tarde chegavam ao arsenal, em companhia de D. Amadeu, el-rei, a rainha, o principe D. Carlos e princeza D. Amelia, e infantes D. Augusto e D. Affonso, acompanhados dos srs. condes de Ficalho, Sabugosa, S. Mamede e outros dignatarios e ajudantes de serviço. No Arsenal esperavam já a familia real, os srs. presidente de conselho, ministros da marinha, estrangeiros, obras publicas e guerra, superintendente do arsenal e todo o seu estado maior, bem como o ministro, secratario e consul de Italia, duques de Palmella, de Loulé, e muitas outras pessoas.

Com sua magestade a rainha e princeza D. Amelia vinham as sr.as marqueza do Funchal, condessa de Sabugosa e D. Anna Linhares.

Ao chegar a bordo do *Saboya*, quando el-rei ia a saltar para a escada do portaló, foi apanhado por uma onda, que o molhou até á cintura.

A despedida de sua magestade a rainha a seu irmão foi muito affectuosa, beijando-se e conservando-se abraçados durante algum tempo.

A princeza D. Amelia estava vestida com uma singeleza encantadora: um vestido modestissimo de cachemira azul marino, com vivos e guarnições encarnadas. Chapeu de palha azul de aba larga, com fitas de setim azul e encarnadas. Um pequeno casaco claro, sem qualquer enfeite.

*

Esteve muito concorrido o festival realisado no sabbado no Jardim Zoologico e promovido pela Associação Academica de Lisboa. Pouco antes das 4 horas da tarde chegou a familia real, trajando S. M. a rainha e a princeza D. Amelia *toilettes* elegantissimas.

Os estudantes tinham recebido numerosas prendas para as suas barracas. SS. MM. e AA. demoraram-se algum tempo, conversando amavelmente com varios membros da commissão executiva da festa. Receberam enthusiasticos vivas, correspondidos por centenares de pessoas. Deixaram em todas as barracas valiosos donativos. O principe Amadeu mandou chamar o presidente da commissão, sr. Francisco Eusebio Lourenço Leão, e um dos ajudantes de S. A. entregou-lhe um rôlo de moedas de ouro.

*

A chuva torrencial que tem cahido obrigou a adiar para quando fôr annunciada a ceremonia da fundação da Associação Promotora dos Interesses da Classe Operaria, na Tapada da Ajuda. O primeiro estabelecimento da Associação denominar-se-ha, como já dissemos, *Instituto da Princeza Amelia*, sendo o projecto do edificio representado em pintura pelo scenographo Manini. A familia real assistirá á ceremonia da fundação, assignando o respectivo auto.

As ruas da Tapada estão sendo guarnecidas de mastros com escudos, em que figuram os nomes das Companhias, emprezas e proprietarios das fabricas situadas em Alcantara.

A illuminação da Tapada, será tão profusa que, para accender balões, vidros e diversos fogos, é necessario empregar 400 pessoas, começando esse trabalho ás 4 horas da tarde para tudo estar illuminado ás 9 da noute.

*

No dia do casamento de sua alteza o principe real, o rei da Suecia mandou um dos seus camaristas de serviço comprimentar o sr. de Sotto Mayor, ministro de Portugal n'aquella côrte, e entregar-lhe uma carta autographa, em que aquelle monarcha felicita el-rei D. Luiz pelo casamento de seu filho, e offerece a sua alteza real a unica grã-cruz sueca, que o principe não possuia, a de Gustavo de Vasa. Esta ordem foi creada por Gustavo III em 1772 e a insignia é de côr verde.

*

D'um artigo publicado pelo nosso collega das *Novidades* sob o titulo *Depois das festas*, destacamos as seguintes linhas:

«Em primeiro logar fallemos do povo. *A tout seigneur toute honneur*. Cabe-lhe a elle a menção mais honrosa, o louvor mais enthusiastico. Os estrangeiros, que nos visitaram, maravilharam-se acima de tudo com essa maravilha: um formigueiro continuado de algumas centenas de milhares de pessoas, sem haver uma desordem, sem haver um tumulto, sem haver um alarido perturbador. Digamol-o com orgulho e com verdade: talvez em nenhum paiz da Europa fosse hoje possivel fazerem-se, por tantos dias seguidos, festas francamente abertas ao povo de todas as classes, sem surgir um incidente desagradavel, com uma ordem perfeita, com um socego exemplar, com uma alegria que nunca se desmanchou em perturbações de qualquer especie. Os nossos hospedes, desde os principes aos jornalistas, reconheceram isto mesmo. O povo portuguez não se engrandeceu, porque não fez mais do que manifestar as nobilissimas qualidades, que o caracterisam; mas mostrou-se tal como é: nobre, grande. De todos os espectaculos, foi este o que mais nos exaltou.

O povo fez a policia de si proprio. Quando, no dia da parada, em seguida á retirada das tropas, as duas enormes massas de povo, que ellas tinham separado, fizeram juncção diante da tribuna real, um movimento de susto manifestou-se nas tribunas fronteiras. As ondas populares são ás vezes tão perigosas, como as ondas do mar, *perfida unda*. Todo o esforço para abrir caminho era inutil e impotente; a insistencia poderia levantar conflictos. A rainha desce com a princeza, sorrindo, e a multidão, que redemoinhava, applaca-se, descobre-se, solta vivas clamorosos, e por si propria abre caminho. A fabula da mythologia, que figura a rainha dos mares acalmando as ondas embravecidas e deslisando por sobre ellas com o seu carro, teve alli uma reprodução de verdade. Esse facto bastará para dar uma alta, uma nobilissima idéa do caracter do povo portuguez. As festas foram luzidas, as festas foram brilhantes, mas isso deve-se principalmente a elle. E não fazemos distincções de classes, nem de partidos. Saudamos o povo como a expressão mais genuina e levantada das fidalguias nacionaes.

Realisaram-se na sexta-feira as segundas corridas de cavallos no hyppodromo de Belem.

A's 2 e tres quartos chegaram SS. AA. o principe D. Carlos e a princeza D. Amelia que trajava uma elegante *toilette* de seda azul escura, chapeu preto com enfeites *rose pâle*, e visite *creme*.

A's 3 horas chegou S. M. el-rei e a rainha, que vestia de setim verde olive, *visite* com applicações de *passemanterie*, e chapeu da côr do vestido enfeitado com rosas. Eram acompanhados por SS. AA. o duque de Aosta e o infante D. Affonso.

Immediatamente se procedeu á primeira corrida, *Handicap*, premio 100$000 reis. Desistiram quatro dos nove cavallos inscriptos. Entraram na pista *Belone* de Martins de Queiroz, *Missouri* do conde de Sobral, *Meteoro* do conde da Ribeira, *Craveiro* de Bernardo Pindella e *Mac-Clellan* de Vaz Preto. Foi *Missouri* quem ganhou a corrida, chegando em seguida o *Mac-Clellan*.

Segunda corrida, *Handicap nacional*. Premio da sociedade 400$000 reis. Ao primeiro 360$000 reis e ao segundo 40$000 reis. Eram onze os cavallos inscriptos e desistiram cinco. Tomaram parte na corrida *Picador* de R. Davies, *Misleader* do conde de Sobral, *Missionario* e *Webb* de Vaz Preto, *Carpio* e *Cabina* do duque de Fernan-Nuñez. Foi esta a melhor corrida. Ganhou *Misleader* a *Missionario* por meia cabeça e este a *Carpio* por meio corpo.

Terceira corrida. *Handicap puro sangue*. Premio da sociedade 400$000 reis. Ao 1.º 360$000 reis e ao 2.º 40$000 reis. Dos cinco cavalos inscriptos apenas correram *Huescar* do duque de Fernan-Nuñez, *Mucho-Mucho* do marquez de Castel Moncayo e *Princeza* de Garvey. Foi o *Mucho-Mucho* que primeiro alcançou a méta, vindo a uma distancia de dois corpos a *Princeza*.

Quarta corrida. *Hurdle race*. Premio da sociedade 225$000 reis. Desistiu *Cabina*, e correram *Tormenta* de Garvey, *Corine* e *Misleader* do conde de Sobral, sendo este ultimo montado por Marin. Esta corrida foi de pouco enthusiasmo, porque logo ao primeiro salto sahiram da pista *Cabina* e *Tormenta*, que embora tornassem a entrar, distanciaram se muito do *Misleader*, que sem difficuldade consegue ganhar. No fim d'esta corrida retiraram-se SS. MM. e o sr. D. Affonso.

Quinta corrida. *Compensação*. Premio da sociedade 90$000 reis. Inscreveram-se *Huescar* do duque Fernan-Nuñez, *Princeza* e *Tormenta* de Garvey. Foi bastante egual esta corrida, chegando os cavallos á méta distanciados uns dos outros, apenas a distancia de um corpo, e pela seguinte ordem: *Princeza*, *Huescar* e *Tormenta*.

Sexta corrida. *Consolação*. Premio 90$000 reis. Inscreveram-se *Plutarca*, *Cabina*, *Picador*, *Mac-Clellan* e *Craveiro* dos srs. Garvey, duque de Fernan-Nuñez, Davies, Vaz Preto e Bernardo Pindella. Depois da segunda foi esta a melhor corrida; ganhou *Cabina* a *Mac-Clellan* por meia cabeça.

Eram 7 horas quando terminou esta ultima, retirando-se então o principe D. Carlos, a princeza D. Amelia e o duque de Aosta.

*

Foi muito concorrida e brilhante a recita de gala em D. Maria.

A's 9 horas entraram suas magestades e altezas occupando na tribuna os seus logares, seguidos da côrte. El-rei dava a direita á rainha que tinha a seu lado o principe Amadeu. A' esquerda de el-rei a princeza D. Amelia e o principe D. Carlos. Atraz os srs. infantes D. Augusto e D. Affonso, e depois em pé os srs. duques de Palmella, de Loulé e de Albuquerque, condes de Linhares, de S. Thiago, de Bertiandos, do Seisal, de S. Miguel e de Sabugosa, e diversos officiaes ás ordens.

No camarote real particular, e no seguinte estavam as damas de sua magestade a rainha as ex.mas sr.as marqueza de Ficalho, e D. Anna Niza. Nas frisas estavam todo o corpo diplomatico, e nos outros camarotes as esposas dos ministros, a sr.ª duqueza de Palmella, marqueza do Fayal, e muitas outras senhoras da primeira sociedade lisbonense.

A' direita da tribuna real estava a camara municipal e á esquerda o ministerio.

Representou-se a comedia-drama *O marquez de Villemer*. A familia real saiu no fim do 2.º acto, tocando-se então o hymno da carta, ouvido de pé, pelos espectadores. O sr. Fernando Palha, presidente da camara, levantou então vivas a el-rei, á rainha, ao principe e á princeza reaes, e a toda a familia real, que foram calorosamente correspondidos.

Sua magestade a rainha vestia elegantemente um riquissimo vestido branco guarnecido de perolas; na cabeça e nos hombros, brilhantes.

Sua alteza a sr.ª D. Amelia tinha tambem uma *toilette* branca, com couverture de finissimas rendas.

*

Foi brilhante o fogo na quinta-feira no Tejo devido á iniciativa da Associação Commercial de Lisboa, que viu coroados dos melhores resultados os seus esforços para proporcionar a toda a Lisboa uma das diversões mais memoraveis com que foi celebrado o casamento do principe real.

As illuminações de ambas as margens, vistas do meio do rio, produziam um effeito indescriptivel. Na margem esquerda ardiam dez mil barricas de alcatrão, bordando todas aquellas collinas em phantasticos arabescos de fogo e produzindo o mais poeticos effeito que se possa imaginar.

Na margem direita, a illuminação veneziana e de copinhos de cores, a todo o comprimento do Aterro, realçada pelas vistosas illuminações da fabrica do gaz, mercado 24 de Julho, coretos e alguns edificios dos pontos altos da cidade: era como uma immensa cobra coral que ondulasse vagarosamente os seus élos mulhares aos raios brilhantes d'um sol ideal! os navios surtos no rio, vistosa e caprichosamente illuminados, completavam o fresco aspecto das illuminações que, de vez em quando, eram offuscadas pelo cruzar rapido e deslumbrante de intensos focos de luz electrica, que quebravam a monotonia, se monotonia podia haver, na vista, por mais prolongada que fosse, de tão extraordinario espectaculo.

O fogo do ar foi verdadeiramente extraordinario. Umas chuvas de raios de prata, que illuminavam todo o Aterro a ponto de se conhecerem as pessoas e distinguirem as *toilettes* a grande distancia, arrancaram unanimes bravos da populaça sempre que se produziam.

Outra coisa que produziu magnifico effeito, e que era totalmente nova para muitos, foi o fogo fluctuante. Imagine-se o Tejo a arder em differentes pontos, com chamas das côres mais vivas; imagine-se uma multidão enorme de brilhantes, rubis, opalas e esmeraldas de colossaes dimensões, dispersas pela superficie tremida d'um plano de gaze bordada a prata e artisticamente amarrotado, onde se projectassem os raios d'uma erupção vulcanica, e... não terão ainda imaginado o effeito que produziram os fogos fluctuantes! As grandes peças fixas foram todas magnificas, sobresaindo uma enorme cataracta de fogo que cahia d'uma altura de 30 metros, n'uma extenção de mais 100 metros.

Os retratos da familia real e dos condes de Paris estavam todos tão bons quanto é possivel fazer *por traiture* em pyrotechnia. Todos elles tinham legendas, que eram:

Nos retratos dos condes de Paris,

A Associação Commercial de Lisboa cumprimenta respeitosa os seus hospedes os srs. condes de Paris.

Nos retratos dos principes reaes.

Ao centro:

O povo portuguez sauda os principes reaes.

Sob o retrato da princeza D. Amelia:

O liz floresce em terra portugueza.

Sob o retrato do principe D. Carlos:

Deus proteja os reaes noivos.

Havia tambem uma legenda nos retratos dos nossos reis.

Os *bouquets*, verdadeirmente maravilhosos, as chuvas de ouro e de joias, e os balões luminosos, eram sempre saudados por enthusiasticas acclamações dos espectadores.

Não se calcula a multidão enorme que foi admirar o espectaculo.

O Aterro é vasto, é vastissimo, mas desde o Caes do Sodré até Alcantara, com grande difficuldade se podia andar pelo meio da massa compacta de povo que enchia litteralmente aquelle enorme espaço.

Em todos os pontos marginaes de Alcantara até Belem, o numero de espectadores era extraordinario.

O rio estava coalhado de vapores, faluas e botes cheios de gente e quasi todos illuminados com balões e lanternas.

Nos pontos altos da cidade, como Chagas, Santa Catharina, etc., etc., a multidão era tão compacta, apinhava-se a gente de tal fórma, apezar de que os que estavam no meio, quasi asphyxiados pelo aperto, tiveram de se aguentar até ao fim, por lhes ser impossivel abrir caminho n'aquella compacta molle humana.

Nas janellas e telhados das casas, d'onde se podia vêr o Tejo, havia tambem um numero incalculavel de pessoas. E na margem da Outra Banda e, principalmente, em Almada era compacta a multidão.

*

No sabbado, no comboio da noite, partiram em direcção a Madrid a princeza Clementina e seu filho, o duque Fernando de Cobourgo, bem como as pessoas do seu sequito. Ao meio-dia tinham ido ao palacio das Necessidades despedir-se dos seus hospedes, o principe real e a princeza D. Amelia. A princeza e o duque foram pelas 2 horas da tarde despedir-se de Suas Magestades. A princeza e seu filho foram em carruagem-salão, tendo sido acompanhados á estação por muitos officiaes e damas do paço.

*

O sr. conde de Paris offereceu ao particular de el-rei, sr. Joaquim de Souza, dentro de um estojo de velludo, um rico alfinete, figurando uma flor de liz formada de tres pedras preciosas, um brilhante um rubi e uma saphira. Ao mesmo zeloso funccionario deu o principe Jorge um estojo com uma abotoadura completa de ouro com esmaltes.

*

Participam de Roma, a um jornal estrangeiro:

«Na côrte italiana debateu-se a viagem do duque e duqueza de Bragança á Italia. Algumas difficuldades surgiram a *este respeito, por os principes portuguezes* terem manifestado desejos de visitarem o Papa. O rei Humberto não quer contrariar este desejo, mas fez observar que a visita ao Vaticano do proprio sobrinho do rei de Italia poderia dar origem a interpretações e a difficuldades de etiqueta que seria bom evitar. Para obstar qualquer inconveniento parece que se suggeriu a ideia dos soberanos de Italia irem ao encontro do sobrinho em Genova, e recebel-os primeiramente em um dos seus paços reaes ou em Monza ou na Toscana. O duque e a duqueza de Bragança continuarão em seguida a sua viagem incognita através da Italia, e seriam recebidos no Vaticano no momento em que o rei e a rainha não estivessem na capital. No emtanto ainda não está nada de definitivo decidido.»

Novas de Fouge

O manifesto de D. Carlos.—Eis o manifesto que D. Carlos de Bourbon acaba de publicar:

«*Hespanhoes*:—A usurpação effectuada por occasião da morte do rei Fernando VII vae ser confirmada ainda uma vez pela proclamação como rei de Hespanha do filho de meu primo Affonso.

Meus avós protestaram contra a primitiva violação dos nossos direitos e contra todas as manifestações successivas, como eu proprio o fiz contra o acto pretoriano de Sagunto, sendo coadjuvado n'este protesto pelos vossos braços viris e pelos vossos animosos corações.

Profundamente convencido de que não ha estabilidade nas leis, nem solidez nas instituições, fóra da monarchia legitima, luctei pelos meus direitos, que eram a salvaguarda da nossa prosperidade, até que se esgotaram todos os recursos materiaes. Esse protesto, renovo-o hoje, não pelas armas, mas certamente com uma energia que não é menos forte, affirmando com mais vigor, se é possivel, do que nas occasiões precedentes, a minha resolução decidida e inhabalavel de sustentar, com a ajuda de Deus, os meus direitos em toda a sua integridade, e de não me prestar nunca a renuncias ou transacções de qualquer genero.

O meus direitos, que se confundem com os da Hespanha, não são menos espesinhados pela ascenção ao throno de um principe ou de uma princeza, instrumentos inconscientes da revolução, do que pela proclamação da republica; e para os fazer valer do modo mais efficaz, seguirei sempre sem trepider no caminho, e escolher os processos que o dever me traçar.

Hespanhoes:—Dez annos passados, longe de vós, nas amarguras do exilio, mas em que o meu coração palpitou sempre nos logares immortalisados pelas vossas proezas e pelas de vossos avós, teem-me ensinado toda a sublimidade da vossa constancia.

A's tocantes demonstrações de fidelidade que sem cessar fazeis chegar até mim, não posso dar melhor resposta do que sellar de novo, com este protesto, os laços indestructiveis que nos ligam mutuamente, assegurando-vos que até ao ultimo alento, a vida do vosso Rei legitimo vos pertencerá por inteiro.

Lucerne, 20 de maio de 1886.—*Carlos*.»

França e Inglaterra.—As negociações entre os gabinetes de Paris e de Londres para regular as questões suscitadas sobre as pescarias que os francezes tem na costa oriental da Terra Nova e sobre a posse das Novas Hebridas, tem encontrado grandes difficuldades que será impossivel vencer se o governo inglez se não decidir a obrigar as suas colonias autonomas a respeitarem os tratados.

O objectivo d'estas duplas negociações entre os dois gabinetes era convir na maneira por que a França cederia a Inglaterra os seus direitos sobre certa parte da costa da Terra Nova emquanto que a Inglaterra consentiria que a França tomasse posse real e effectiva das Novas Hebridas, grupo de ilhas immediato á colonio penitenciaria franceza da Nova Caledonia.

As negociações estavam já bastantes adiantadas quando o governo inglez perguntou ao parlamento da Terra Nova o seu parecer sobre a cessão de direitos e este corpo autonomo oppoz o seu *veto* a qualquer accordo, propondo-se a afugentar os francezes dos pontos em que exercem a pesca, sem necessidade de fazer convenios com elles. O parlamento da Nova Hollanda tambem se oppõe á annexação á França das Novas Hebridas e apoia a sua negativa no tratado de Sidney, feito posteriormente ás pretenções francezas.

A questão póde talvez vir a ter grande importancia, porque além do symptoma que revela esta attitude das colonias inglezas com relação ás negociações entaboladas pela metropole, a França precisa para segurança da sua colonia penitenciaria da Nova Caledonia, possuir o grupo das ilhas das Novas Hebridas. Veremos a solução que tem este novo jogo de interesses entre a França e a Inglaterra.

O czar e o principe da Bulgaria.—Assevera um correspondente de Constantinopla, que é um facto consummado a reconciliação do czar e do principe da Bulgaria; este acontecimento abre um vasto campo aos commentarios que se fazem de maneiras muito differentes. Para os que conhecem os sentimentos que até aqui Alexandre III nutria para com o principe de Bettenberg, é evidente que este tem de abjurar as suas velleidades de independencia, e declarar-se prompto a retomar o seu logar entre os submissos da côrte de S. Petersburgo. Isto representa a morte da influencia britannica em Sophia, a volta dos officiaes russos e a entrega, nas mãos d'estes, da direcção das forças militares do principado e da Rumelia oriental.

A Inglaterra julgára lograr a Bulgaria e provocar um movimento de opinião em favor d'uma independencia absoluta; mas os sentimentos de reconhecimento ao czar libertador, que existem no coração de cada habitante da Bulgaria, são muito ardentes e radicados, para se arrancarem facilmente, e o principe Alexandre póde convencer-se d'isso durante a excursão que fez ultimamente ao seu novo governo. Foi aos gritos de: «Viva a Russia! Abaixo Karaveloff!» que o acolheram na sua entrada na maior parte das povoações da Rumelia oriental. E' manifesto, por outra parte, que a esta mudança subita modificará as disposições do governo do sultão.

Antes de tudo impõe-se a obrigação de curar da segurança da capital aberta a todos desde que as passagens dos Balkans cessarem de estar sob a guarda do exercito turco. Ha urgencia de estabelecer sem demora um acampamento entrincheirado na Thracia, a fim de deter a marcha d'um exercito de invasão que seguisse o valle de Maritza. Andrinopla foi designada, pela sua situação, como ponto central da defeza, mas as baterias descobertas e os terrados que protegem as proximidades d'essa praça, não sustentariam vinte e quatro horas o fogo do inimigo; o *tour de force* executado em Plewna por Osman-Pachá não poderá constituir um precedente em favor do systema de fortificações passageiras, e o ministerio da guerra deverá empregar todos os recursos da sciencia de engenheria, sob pena de vêr um dia Constantinopla a discrição d'um general aventureiro.

Antes de deixar Athenas, o ministro da Turquia, Feridoun Bey, teve uma entrevista com o presidente do conselho, que lhe forneceu as explicações mais tranquillisadoras, e lhe pediu para fazer saber á Sublime Porta, que nenhum conflicto era de temer entre os postos avançados de dois exercitos. No palacio todos se mostraram satisfeitos com as informações que levou Feridoun Bey; o bloqueio das costas hellenicas nada interessa á Turquia e como essa demonstração odiosa e grotesca se não deve prolongar, o serasherado toma disposições para a repatriação dos enviados da Asia Menor que irão já para Salonica, Dedeughatch e Dardanellos.

O historiador Ranke.—Os jornaes estrangeiros dão a triste noticia de ter fallecido em Berlim na noute de 24, o célebre historiador allemão Leopoldo de Ranke. Ranke nascera em Wiche, na Thuringia, a 21 de dezembro de 1795. Depois de ter terminado os seus estudos universitarios, obteve o logar de professor no collegio de Francfort sobre o Oder.

Em 1824 publicou a sua primeira obra notavel: «Historia dos povos romanos e germanicos», 1494 a 1535.

Esta obra obteve um tão brilhante exito que, no anno seguinte, o joven sabio foi nomeado professor da Universidade de Berlim.

Em 1827 Leopoldo de Ranke foi enviado pelo governo de Vienna, a Roma e Veneza para examinar varios documentos historicos. Em consequencia d'esta missão, que durou quatro annos, o historiador publicou muitas obras, sendo a principal a «Historia allemã no tempo da Reforma». No seu regresso a Berlim, fundou um jornal intitulado *Gazeta politica e historica*, que continha principalmente apreciações profundas ácerca das differentes fórmas de governo.

Em 1841, Leopoldo de Ranke foi nomeado historiographo do rei; em 1848 foi eleito membro nacional em Francfort, e em 1866 recebeu cartas de nobreza.

O finado historiador deixa um numero consideravel de obras historicas de grande valor.

Em 1875, tendo já 80 annos de idade, Ranke emprehendeu a publicação de uma grande obra em muitos volums «A historia universal».

A morte arrebatou-o quando estava escrevendo o sexto volume da sua notabilissima obra.

Reis, pontifices e o numero 13.—Diz a *Epoca*, de Madrid, que o numero 13, que na ordem chronologica tem o infante rei de Hespanha desde sabbado, dia em que foi baptisado, só foi alcançado, desde a era christã a esta parte, por seis pontifices e tres monarchas.

Os pontifices foram: João XIII, que reinou na egreja catholica desde o anno de 965 a 972; Gregorio XIII, successor do grande S. Pio V, que reinou de 1572 a 1585; Innocencio XIII, de 1721 a 1730; Clemente XIII, de 1758 a 1769; e finalmente Leão XIII, que felizmente governa actualmente a obra eterna de Christo.

Um anti-papa usurpou com o nome e a dignidade pontificia o numero referido: foi o famoso hespanhol Pedro de Luna, que desde 1394 a 1424 se intitulou tambem no seu cantinho da Peñiscola *Benedicto XIII*.

Os reis que chegaram ao numero 13 foram: Erico XIII, da Suecia, que reinou de 1560 a 1568, tendo sido filho e successor do celebre Gustavo Wasa; Luiz XIII, de França, de 1610 a 1643, grande nos annaes d'aquella nação pelos seus feitos politicos e por ter sido herdeiro d'esse Henrique VI, o rei-cavalleiro, fundador em França da casa de Bourbon, d'onde procede a actual casa reinante de Hespanha; e finalmente agora Affonso XIII, o posthmo, que a historia, acrescenta a *Epoca*, chama para grandes destinos, continuador da obra regeneradora de Affonso XII «o pacificador», ou «o mallogrado».

O czar em Moscow.—Por occasião da grande recepção que se realisou em Kremlin, no dia 26 do mez findo, o burgomestre de Moscow, ao offerecer o pão e o sal ao imperador, pronunciou a seguinte allocução:

«Os representantes dos estados da primeira residencia imperial pedem-te humildemente, Tzar autocrata, que acceites o nosso sal e o nosso pão, bem como o nosso amor, o que acredites na alegria que sentimos vendo-te a ti, a Tzarina e o Tzarévitch. Tu vens até nós do Sul abençoado, onde de novo animaste o mar Negro. A nossa esperança solta de novo as suas azas, a nossa fé avigora-se, e nós julgamos que em breve a cruz de Christo resplandecerá por sobre Santa Sophia. Eis o que pensa Moscow, e no que ella espera.»

O imperador respondeu que amava Moscow, e que se alegrava por se encontrar dentro dos seus muros, no anniversario da sua coroação. Ajuntou que se lembraria sempre com a maior alegria dos instantes que acabava de passar.

A cura da raiva.—O numero dos doentes tratados pelo illustre Pasteur, excedia na dia 22 do mez findo, 1:100 pessoas. Chegaram ultimamente a Paris quatro russos, mordidos por lobos; um d'elles tinha metade da face devorada.

O sr. Pasteur recebeu uma carta do medico russo que acompanhara a Paris os companheiros que tinham vindo tratar-se, annunciando que todos elles, 19, continuavam muito bem.

Em França.—Os jornaes republicanos opportunistas francezes insistem na necessidade de imprimir uma nova e mais vigorosa organisação ao partido republicano, para combater com vantagem as tentativas monarchicas.

Outros jornaes, mais atrabiliarios, dizem que—custe o que custar—é preciso que a França se una pra responder triumphantemente aos manejos do partido monarchico, que, no dizer d'elles, conspira abertamente contra a actual organisação politica da França. Os periodicos conservadores e outros que analysam os acontecimentos sem preoccupações partidarias, dizem que a divisão dos republicanos é a prova evidente da fraqueza da republica.

Seja como fôr, parece-nos muito sensata esta opinião que lemos n'um jornal extrangeiro:—a importancia da republica franceza apressará a proclamação da monarchia, e no dia em que esta se restaurar, a França receberá a força que agora não tem. Se querem a republica, sejam coherentes e justos!

Mas nem coherentes nem justos, infelizmente!

Joia celebre.—No baptisado do futuro rei de Hespanha Affonso XIII, deu muito na vista o collar, que além de outras ricas joias, trazia a duqueza de Medinaceli, o qual junta a um elevado valor intrinseco merecimento historico não inferior. Pertenceu á infeliz rainha de França Maria Antonietta, esposa de Luiz XVI, e foi origem de extranhas questões durante esse doloroso e triste reinado.

A elle se refere o romance *O collar da rainha*, de Alexandre Dumas, pae, tão conhecido e popular em toda a Europa.

No tempo da Revolução comprou esta joia celebre o conde de Araquint, de quem o houve, por alto preço, em 1865' a duqueza de Medinaceli.

Consta de dois fios de enormes perolas rematadas por uma maçaneta collossal, e fechado por um riquissimo broche de brilhantes.

Os santos advogados.—Em varias egrejas de Roma principiaram a celebrar-se funcções em honra de S. Roque, a pedir-lhe que livre aquella cidade do flagello do cholera.

A este respeito, uma folha estrangeira publica, extrahida do texto official do anno lithurgico, uma lista dos santos mais conhecidos pelas especialidades da sua devoção.

Invoca-se Santa Apolonia, contra as dôres de dentes; Santo Antonio, para achar as cousas perdidas ou roubadas; Santa Anna, para os partos felizes; Santo André Avelino, contra a apoplexia; Santa Trofina, contra a gota; S. Theodoro, para as creanças enfermas; S. Thomaz d'Aquino, para que nos livre das tempestades; Santo Antão, para proteger os gados; Santa Balbina, contra as escrofulas; Santa Bibiana, contra a epilepsia e as dôres de cabeça; S. Braz, contra as dôres de garganta; S. Vicente, contra as bexigas; S. Erasmo, contra os espasmos; S. Francisco Solano, contra os terramotos; S. Guido, contra a hydrophobia; S. Jeronymo e Santa Barbara, contra o raio; S. José, para lhe pedir uma boa morte; Santa Luzia, contra as doenças de olhos; S. Mauricio, contra a dôr sciatica e rheumatismo; Santo Amaro, contra qualquer enfermidade nos braços e nas pernas; S. Sebastião, contra a peste, fome e guerra; S. Marçal, contra os incendios.

O BRAZÃO D'ARMAS DO SERENISSIMO PRINCIPE REAL D. CARLOS

Lemos que alguns escriptores dão o brazão dos duques de Bragança ao serenissimo principe real D. Carlos.

Posto que sua alteza seja o 24.º duque de Bragança e que pareça, como herdeiro d'aquelle titulo, dever ter aquelle brazão, não faz uso d'elle: a praxe seguida é outra, como vamos provar.

D. Affonso, conde de Barcellos e primeiro duque de Bragança, quando entrou no reino, chegado da tomada de Ceuta compoz o seu brazão do seguinte modo:—*Em campo de prata, aspa de vermelho e sobre esta cinco escudos das quinas de Portugal. Timbre, meio cavallo branco, com tres lançadas no pescoço, em sangue, bridado de ouro com cabeçada e redeas de vermelho.*

Este timbre é antigo das armas de *Pereiras*, que estes usavam para memorar o valoroso feito do conde D. Rodrigo Forjaz, quando nos campos de Santarem, em serviço do rei D. Garcia, prendeu seu irmão D. Sancho. Montava um cavallo branco, o qual n'aquelle recontro recebeu tres lançadas no pescoço e chegando-lhe estas ao peito deu com elle morto.

Ora este timbre veio á casa de Bragança, por D. Brites Pereira, filha do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, casada com o primeiro duque.

Quando o senhor D. Manuel foi a Castella, e não tendo filhos, antes de partir, quiz deixar seguro o reino, por isso fez jurar o duque D. Jayme por principe d'este reino, e lhe mandou que deixasse o seu brazão, concedendo-lhe o seguinte:—*As armas de Portugal direitamente, com elmo real aberto a todas as partes, coroa e timbre da meia serpe de ouro.*

E d'este brazão usou o duque D. Jayme até que o senhor D. Manuel teve filhos; porque então voltou o duque a usar da coroa ducal e por divisa lhe deu el-rei o *banco de pinchar de oiro atravessado pela orla vermelha, em signal de grandeza*, por ser esta insignia só concedida aos principes e infantes.

Ora é sabido que desde o reinado do senhor D. Manuel os primogenitos da corôa portugueza, posto que mais tarde tivessem o titulo de duques de Bragança não trazem por arma o seu brazão.

As casas nobres que teem por armas o brazão dos duques de Bragança, são:—Marquezes de Ferreira, por descenderem de D. Alvaro, filho de D. Fernando I, segundo duque de Bragança.—Condes de Vimioso, por virem de D. Affonso, marquez de Valença, filho de D. Affonso, primeiro duque.—Condes de Mira e Faro, por descenderem de D. Affonso, filho do segundo duque D. Fernando.

—

O serenissimo principe real D. Carlos, tem por armas as do reino de Portugal, differençadas pelo *banco de pinchar, de oiro, com três pés*, que assentam sobre os tres castellos das armas do Algarve. Corôa real.

D'esta divisa do *banco de pinchar* usaram os filhos do senhor D. João I, a rainha D. Leonor, mulher do senhor D. João II, e tambem a trazia em suas armas o senhor D. João III, emquanto principe e os infantes seus irmãos.

Vê-se pois que sua alteza serenissima o senhor D. Carlos, ainda que lhe pertença como primogenito o ducado de Bragança, não póde trazer o brazão de armas que anda junto áquelle titulo. Esta é a verdade.

A. M. Seabra d'Albuquerque.

LUIZ FILIPPE E VICTOR HUGO

Alguns jornaes anti-monarchicos tem querido oppôr á expansão dos regojisos nacionaes pelo fausto casamento de S. A. R. com uma princeza de Orleans a consagração do anniversario da morte de Victor Hugo. E' certo que não tem nada uma coisa com a outra, mas por isso mesmo não é menos interessante mostrar n'esta occasião o que pensara o eminente poeta não só do honrado chefe da casa de Orleans, o bom rei Luiz Filippe, mas tambem da sua familia.

Sobre Luiz Filippe eis como se exprime Victor Hugo, rematando o notavel capitulo que lhe consagra nos *Miseraveis*

Luiz Filippe foi um rei de plena luz. Quando elle reinou a imprensa foi livre, livre a tribuna, a consciencia e a palavra. As leis de setembro são uma claraboia. Apezar de conhecer o poder destruidor da luz sobre os privilegios, deixou o seu throno exposto á luz. A historia ter-lhe-ha em conta esta lealdade.

Luiz Filippe, como todos os homens historicos sahidos da scena, é hoje julgado pela consciencia humana. O seu processo não passou ainda da primeira instancia.

O momento em que a historia falla no seu tom veneravel e livre não soou ainda para elle; não chegou o momento de pronunciar á cerca d'este rei o seu julgamento definitivo; o proprio austero e illustre historiador Luiz Blanc moderou recentemente o seu veredictum; Luiz Filippe foi o eleito d'esses dois *à-peu près* que se chamam 221 e 1830, isto é, de um semi-parlamento e de uma semi-revolução; e em todo o caso, sob o ponto de vista superior em que se deve collocar a philosophia, não poderemos julgal-o aqui, senão com certas reservas em nome do principio democratico absoluto; aos olhos do absoluto, fóra d'estes dois direitos, o direito do homem primeiramente, e em seguida o direito do povo, tudo era usurpação; mas o que podemos dizer desde já, guardadas essas reservas, é que, sommado tudo, e de qualquer maneira que o considerem, Luiz Filippe, só por si, e tomado sob o ponto de vista da bondade humana, ficará sendo, para nos servirmos da velha linguagem da antiga historia, um dos melhores principes que passaram pelo throno.

O que ha pois contra elle? Esse throno. Tirae de Luiz Filippe o rei, e ficará o homem. E o homem é bom. E' ás vezes bom até ao ponto de ser admiravel.

Muitas vezes, no meio das mais graves recordações, depois d'um dia de lucta contra toda a diplomacia do continente, entrava nos seus aposentos, e alli, exhausto de fadiga, acabrunhado pelo somno, o que fazia? Pegava n'um processo criminal e punha-se a examinal-o, pensando que alguma coisa era fazer frente á Europa; mas que mais encargo ainda era arrancar um homem das mãos d'um carrasco. Teimava com o seu guarda-sellos; disputava passo a passo o terreno da guilhotina aos procuradores geraes, *esses tagarellas da lei*, como elle lhes chamava. A's vezes os cadernos dos processos em pilhas enchiam-lhe a meza; examinava-os todos; era para elle uma angustia ter de abandonar essas miseraveis cabeças á guilhotina. Uma vez dizia á mesma testemunha que ha pouco citámos:

E' noite, já salvei sete.

Durante os primeiros annos de um reinado, a pena de morte esteve como que abolida, e o cadafalso restaurado foi uma violencia feita ao rei. Tendo desapparecida Gréve com o ramo mais velho, instituiu-se uma Gréve burgueza com o nome de Barriére Saint-Jaques; os «homens praticos sentiram a necessidade d'uma guilhotina quasi legitima; foi essa uma das victorias de Casimiro Perier, que representava as vistas mais acanhadas da burguezia, sobre Luiz Filippe que d'essa mesma burguezia representava os principios liberaes; Luiz Filippe annotara por sua propria mão Boccaria. Depois da machina Fieschi, exclamava:

— Forte pena não ter eu sido ferido! Poderia então perdoar!

De outra vez, alludindo ás resistencias dos seus ministros, escrevia a proposito de um condemnado politico que é uma das mais generosas figuras do nosso tempo.

— Tem o perdão concedido, só me resta obtel-o.

Luiz Filippe era amavel como Luiz IX e bondoso como Henrique IV.

Ora para nós, na historia em que a bondade é a rara perola, quem foi bom quasi que toma a dianteira a quem foi grande.

Como Luiz Filippe tem sido severamente apreciado por uns, e talvez severamente por outros, é muito simples que um homem, agora phantasma de si proprio, que conheceu esse rei, venha depôr por elle perante a historia; este depoimento, seja elle qual fôr, é evidentemente e primeiro que tudo desinteressado; o epitaphio escripto por um morto, é sincero; uma sombra pode dar consolo a outra sombra; quando se quinhoam as mesmas trevas, ha o direito do louvor; pouco ha que temer que alguma vez se diga de dois tumulos no exilio: este lisongeou o outro.

Sobre a familia de Luiz Filippe não tem menos interesse as seguintes linhas:

O seu grande erro foi este: foi modesto em nome da França.

D'onde veiu esse erro?

Digamol-o.

Luiz Filippe foi um rei demasiadamente pae; esta incubação d'uma familia que se quer transformar n'uma dynastia tem medo de tudo, e não pode conceber que a incommodem; d'ahi as timidezes excessivas, inopportunas ao povo que tem o 14 de julho na sua tradição civil e Austerlitz na sua tradição militar.

De resto, abstrahidos os deveres publicos, que devem ser preenchidos em primeiro logar, o profundo affecto de Luiz Philippe pela sua familia, esta merecia-a. Aquelle grupo domestico era admiravel. As virtudes estavam ao par dos talentos. Uma das filhas de Luiz Filippe, Maria de Orleans, punha o nome da sua raça entre os artistas, como Carlos de Orleans o havia posto entre os poetas. Tinha feito da sua alma um marmore, a que chamara Joanna d'Arc. Dois dos filhos de Luiz Filippe tinham arrancado a Metternich este elogio demagogico: *Ce sont de jeunes gens comme ou n'en voit guerè et de princes comme ou n'en voit pus.*

DOCUMENTO CURIOSO

Com o titulo *Comidas publicas ordinarias*, dá o *Conimbricense* o curiosissimo ceremonial usado por occasião dos jantares dos antigos reis de Portugal. Tão interessante documento não tem data, mas, segundo o nosso erudito collega, deve ser do reinado de D. Pedro II ou de D. João V. Resa assim:

.....

«Se sua magestade comer em publico, assistirão os titulos, officiaes da casa e mais pessoas que tem logar nas audiencias publicas; e na mesma fórma em que estão n'ellas. A casa em que sua magestade deve comer será de ordinario a do primeiro docel a respeito de quem entra; e segundo a capacidade d'esta casa, ou de outra em que sua magestade comer, poderão ter entrada mais pessoas que as que entram nas audiencias.

Ao veador de semana toca o mandar vir as iguarias a tempo, que ás 11 horas estejam na copa; e como tudo estiver prestes, dará recado a sua magestade, e querendo-o fazer o mordomo-mór, achando-se presente, o poderá fazer.

As iguarias hão de vir acompanhadas da cozinha para a copa do veador de semana, o qual virá sempre descoberta, ainda que seja titulo. Virão tambem com ellas o guarda respostas, e o servidor da toalha da semana, etc. Tral-as-hão os moços da camara entre duas fileiras de soldados da guarda, e por onde quer que passarem, tirarão os chapéus todas as pessoas que encontrarem e que estiverem por onde ellas vierem parando e desviando-se do caminho ainda que sejam titulos.

Porão as mezas os reposteiros da copa, para o que terão uma esteira de verão, e alcatifa de inverno, que será na largura e comprimento de modo que a meza fique posta na ponta da alcatifa, para que o trinchante e officiaes da meza não fiquem com os pés postos n'ella; e só o ficarão os moços fidalgos, que hão de estar de joelhos chegados á cadeira; e se na casa houver docel se porá a meza debaixo d'elle.

Tanto que a meza estiver posta, e n'ella se pozer o saleiro, ou pão, ou alguma cousa de comer, assistirá o mantieiro na mesma casa, até que sua magestade vá para a meza, porque a elle toca dar conta do que alli se pozer de comida.

Chegando sua magestade á meza, chegará a benzel-a o capellão-mór, com dois capellães da semana, e em sua ausencia o bispo da capella, e na de ambos o sumilher de cortina da semana.

Tanto que se acabar a benção, chegará o reposteiro-mór a caleira para sua magestade se assentar, e acabada a meza a tornará a afastar. Depois de sua magestade assentado, dará signal aos titulos para se cubrirem; e assim elles, como os officiaes da casa e mais pessoas que alli têem logar, o irão tomar na mesma fórma que o fazem nas audiencias, excepto o veador, que se porá á parte direita de sua magestade, defronte do canto da meza, mas não tão chegado a ella, como os officiaes que servem á meza, com os pés fóra da alcatifa; e o mestre sala se porá da outra banda na mesma fórma.

Os medicos hão de ficar no outro topo da meza, da banda esquerda, entre ella, e os officiaes da casa. Depois de sua magestade sentado, ha de o veador chegar á porta da casa aonde sua magestade comer, aonde virão dois porteiros da cana, e detraz d'elles tornará o veador, e logo o mantieiro com o prato de agua ás mãos, na mão direita levantada com elle até o hombro, e na esquerda o gomil, defronte da cintura. E assim virá com o rosto na meza; e os porteiros chegarão um pouco afastados d'ella, e fazendo sua mesura, se apartarão cada um para sua banda; e o veador passando adiante, chegará até junto da alcatifa, onde fará sua mesura, e se tornará para o seu logar.

O trinchante ha de estar encostado á parede, com os mais officiaes da casa, e tanto que os porteiros da cana e o veador vierem perto da meza, sairá do seu logar, e se virá metter entre o veador e o mantieiro, e como o veador fizer sua mesura, se porá no meio da meza, que é o seu logar que lhe toca; mas nem se arrumará, nem porá as mãos n'ella.

O mantieiro se porá á mão esquerda do trinchante, do mesmo modo chegado á meza, e lhe entregará o prato e gomil, e o trinchante o beijará e chegará a sua magestade com a mão esquerda, e com a direita deitará agua com o gomil: e tanto que sua magestade lavar as mãos tornará o prato e o gomil ao mantieiro; e elle o entregará a um reposteiro da copa.

Detraz do mantieiro, e alguma cousa para parte de fóra

melhor, e o chegará a el-rei, e tornará a tirar os mesmos pratos em que el-rei comeu e os dará ao mantieiro, e elle aos moços da camara; mas os pratos em que el-rei deitar os ossos, ou cousa semelhante, tirará o mantieiro, e não o trinchante.

Os moços fidalgos assistirão á mesa de joelhos, junto á cadeira de sua magestade, de uma banda e da outra sobre a alcatifa, e se levantarão no fim da mesa depois da agua ás mãos; e a dois d'elles dará o mantieiro os abanos quando chegarem as iguarias.

Acabadas as iguarias, irá o veador á porta da casa a buscar os doces, que trará em uma confeiteira o guarda resposta em um prato grande, com uma toalha por cima; e diante do veador virão dois porteiros da canna, e pondo o guarda-resposta a confeiteira com o mesmo prato na mesa, e descobrirá o trinchante, e a chegará a sua magestade; e tanto que sua magestade acabar de comer os doces, e repartir alguns com os moços fidalgos, a tornará a entregar ao guarda-resposta, que a levará.

O copeiro-mór estará junto á mesa, além do mantieiro, e tanto que sua magestade lhe pedir de beber, irá á casa de fóra, onde está o copo, e diante d'elles se lançará a bebida no pucaro; e alli mesmo deante d'elle tomará o copeiro pequeno a salva na fórma ordinaria, e dará o pucaro ao copeiro-mór, que o levará na mão direita, e a salva na esquerda, e irão diante o copeiro pequeno, e os porteiros da canna, fazendo praça até chegar á mesa da banda esquerda, ou da que estiver desoccupada, onde o copeiro pequeno tirará a tampa do pucaro, e o terá com a mão alçada bem defronte do hombro, estando de joelhos; e o copeiro-mór tambem de joelhos, lançará uma pequena na salva, e provando-a, dará o pucaro a el-rei, tendo a salva debaixo d'elle; e como sua magestade bebe, torna a dar o pucaro ao copeiro-mór, e este ao copeiro pequeno; e então se levantará, e pondo-lhe a tampa que traz na mão, o levará ao copeiro-mór fazendo sua mesura, se torna ao seu logar.

O guarda resposta e o copeiro pequeno assistirão na casa da copa, emquanto sua magestade comer, para onde virão tanto que n'elle estiver a confeitaria, ou comida.

Acabando de comer, chegará o trinchante um prato de cortar a sua magestade, e lança n'elle a faca, colher e garfo, e guardanapo em que se alimpou, o pão que lhe sobejou; e o mantieiro porá n'este tempo na meza um prato grande em que o trinchante tirará o que tirou d'el-rei, com o que n'elle lhe poz, e logo em outro prato de cortar porá as suas facas, garfo e colher e guardanapo; e o tirará o mantieiro e o dará a um moço da camara, e depois levantará o trinchante, a primeira toalha, e o mantieiro a porá no mesmo prato grande, e a dará aos que servem á mesa.

No mesmo tempo se levantarão os moços fidalgos, e se affastarão da meza; e virá o mantieiro com agua ás mãos, na fórma que se fez ao principio e logo ao veador do seu topo e o trinchante do outro, levantarão a ultima toalha; e recolhendo-a o manteiro em um prato grande a entregará a um reposteiro da copa que estará detraz d'elle, e fazendo sua mesura se irá; e o reposteiro-mór virá affastar a cadeira, e o capellão-mór a dar as graças, tudo na fórma já referida, e os officiaes todos acompanharão a sua magestade até sua casa, ou camara, onde elle passar; e alli fazendo a sua mesura se recolherão.

Se alguma pessoa no tempo referido mandar alguma cousa a sua magestade, o veador se chegará mais perto da mesa e lh'o dirá.

COMIDAS MAIS SOLEMNES

Esta é a fórma quando sua magestade come em publico ordinariamente: porém sendo em dia de maior festa, assim como por dia de Paschoa, por de Reis, e na da consoada de Natal, se acrescentará, que as primeiras e ultimas eguarias, e as fructas, as acompanharão os porteiros da canna, e logo os das massas, e arauto e passavantes, e detraz d'elles o porteiro-mór, veadores e mestre sala, na fórma que fica dito, todos descobertos, ainda que sejam titulos, e no ultimo logar o mordomo-mór coberto; e assim irá até quando quizer fazer a mesura junto de sua magestade; e n'esta solemnidade terá a sua insignia ao hombro.»

Sciencias

MODO DE PRESERVAR O CENTEIO DA BORBOLETA

Por mais que o homem estude, medite e pense, nunca chega a attingir o verdadeiro grau de sabedoria, porquanto, no grande livro de longas e innumeraveis paginas, que está aberto deante dos nossos olhos, ha sempre que estudar e aprender, e novos horisontes se desenrolam cada vez que o consultamos para proveito nosso e da sociedade.

E' a Natureza esse livro de paginas de ouro, d'onde dimana toda a sciencia, e onde o estudioso vae buscar a agua necessaria para saciar a sêde da curiosidade, que mais tarde se transforma em proveito seu e do proximo.

Assim, vemos todos os dias aperfeiçoados systemas de plantações, magnificos preservativos de plantas, novos meios do seu desenvolvimento, etc.

Pela parte que nos toca, tambem concorremos com o nosso obulo para utilidade da sociedade de que fazemos uma pequena parte.

Ha annos que a borboleta, esse insecto alado da ordem dos lepidopteros, causou bastantes estragos no *Centeio*—cereal do grupo das *Monocotyledoneas*, que tão necessario se torna para a alimentação da humanidade.

No anno findo estes insectos accommetteram valorosamente alguns celleiros de *Centeio*, fazendo-nos lembrar a praga dos gafanhotos que havia invadido algumas provincias hespanholas, ou uma das que assolou o Egypto no tempo de Moysés. Mandando nós, com a cautela devida, recolher o *Centeio*, certo dia em que o fomos visitar deparamos com uma multidão de borboletas, que sahia d'entre elle e cruzava o espaço, emquanto que outro estava isento do maldito insecto, o que nos causou admiração.

O bichinho alado, com o qual antipathisamos, perseguia-nos denodadamente: ora quando estavamos a descançar das fadigas do dia, ora quando nos entretinhamos com a predilecta leitura quotidiana, ora quando iamos tomar as refeisões do costume. Uma miseria!...

Estavamos sendo perseguido por uma colonia de insectos, que nos impacientava, sem sabermos o que dava motivo a apparecerem.

Todavia, procuramos com avidez saber a razão por que n'um *Centeio* a borboleta não apparecia, emquanto que no outro havia uma grande multidão d'ella, que de dia para dia se multiplicava espantosamente, de fórma quo o *Centeio* se ia transformando n'uma especie de farinha cor de telha, ficando sómente a casca. Inquirimos escrupulosamente dos caseiros a epocha em que colheram o *Centeio*, o tempo que o deixaram estar no campo, o modo como fizeram a debulha, etc., e viemos ao conhecimento do seguinte:

Quando os lavradores fazem a sega do *Centeio*, deixam-o no campo por algum tempo em rolheiros ou mêda, de *compodoiro*—lhe chamam—, e, passado bastante tempo, é que fazem a debulha, «reservando a alimpa para quando teem muito vagar»; isto é: «passado muito tempo depois da malha.»

Isto succede quasi sempre. O *Centeio* que for recolhido d'esta fórma, passando por aquellas phases antes do encelleiramento, é o que costuma ser atacado pela borboleta. Este insecto invade em pouco tempo todo o celleiro, surgindo de cada grão de *Centeio* um individuo, que depressa se desenvolve e se vae alimentando proprio cereal d'onde nasceu.

Com pouco aproveitamento se recorre aos pratos com azeite, que se costumam collocar sobre o *Centeio*, para dar caça ao insecto, ou se lhe deita cinza da madeira pelo meio. Nada d'isto são remedios ou preservativos efficazes, porque o insecto não fica extincto, e o valor do *Centeio* é muito menor.

Aconselhamos os nossos leitores, na maior parte proprietarios, a quem deve interessar esta nossa divagação, que mandem fazer a debulha ou malha do *Centeio* em seguida á sega, e, depois de bem limpo e cuidadosamente secco, o mandem recolher sem ser aquecido.

Estes trabalhos não devem ser muito espaçados d'uns aos outros, porque, sendo-o, especialmente «reservando-se a alimpa para muito tarde», a borboleta principia a apparecer n'esta occasião, e vae-se propagando d'ahi por deante espantosamente.

E' no que consiste—crêmos nós—o melhor preservativo para o *Centeio* não ser atacado pela borboleta.

O que deixamos expendido, foi o resultado das nossas observações, as quaes achamos conveniente relatar aos leitores d'este jornal, certo de que lhes prestaremos um bom serviço, que ficará altamente recompensado, tendo em vista a intenção com que o fazemos.

ANTONIO M. BORGES D'ARAUJO.

Arabescos e Miniaturas

O MUNDO REFEITO PELA SYMPATHIA

Diz a tradição que dois cavalleiros da edade média vindo em sentidos oppostos encontraram-se por acaso diante d'um marco qualquer, que tinha uma dupla effige, de que cada um d'elles não via senão uma das faces. Apoz a primeira saudação do estylo, estes dois homens, que nunca se tinham visto, nem mesmo tinham os menores motivos de rancor, bateram-se furiosamente em vista da divergencia radical das suas opiniões, por um affirmar ao outro, que o marco não tinha mais do que a effigie virada para o seu lado, quando o pequeno trabalho da troca mutua dos logares faria desapparecer todas as causas da contenda, mostrando que, sem nenhum d'elles mentir, a razão estava de ambos os lados ou antes na combinação das suas opiniões.

O mesmo nos acontece quando, querendo systematisar as nossas idéas sobre os sentimentos oppostos,—o de sympathia e o de antipathia, de que fallei no meu ultimo artigo e resultam no mundo as duas correntes contra—dictorias, cuja combinação regula as nossas relações para com a sociedade e determina a evolução da humanidade—passamos a marear os limites e os effeitos da acção de cada um d'elles.

Em quanto uns, a grande maioria dos homens, são partidarios exaltados d'uma só d'estas duas correntes—a *corrente sympathica*—regeitando como nocivos e prejudiciaes todos os effeitos produzidos pela outra, e levados por uma tendencia amorosa, tão eminentemente recheiada de palavras pomposas mas theoricas como perfeitamente compensadas por uma deficiencia absoluta de acções comprovativas, se fartam a cada instante de prégar a regeneração do mundo por amplexos fraternaes, outros, muitissimo poucos, *rari nantes in gurgit vasto*,—esforçam-se pelo contrario em mostrar que a *corrente anthipathica* produz por seu turno effeitos eminentemente beneficos para o desenvolvimento da humanidade.

Se fizermos, porém, o que os cavalleiros da antiguidade não fizeram, e é, se examinarmos successivamente as razões expostas pelos dois partidos contrarios, veremos que a verdade existe na combinação das duas idéas antagonicas.

Entre os dois processos oppostos—o de refazermos a sociedade com meiguices ou de o compormos a murro—a vantagem da escolha está em optarmos por um que seja mixto e derivado da fusão conveniente das expansões sympathicas com as antipathicas, como n'esses lares conjugaes devassados pelo cadastro da policia, aonde as manifestações ternas e amorosas estão enlaçadas com grossas cargas de pancadaria.

Nas nossas relações para com a sociedade, o caminho que nos pode levar não só para a felicidade individual, mas tambem para a geral, consiste em nos equilibrarmos todas as vezes que estendamos os beiços para formar um beijo, recusando o pé para preparamos um coice.

Um coice e um beijo!

*

Vejamos agora qual é o effeito produzido no espaço e no tempo pelo coice e pelo beijo ou antes pelas duas correntes, que elles representam.

Na noite dos tempos, quando o mundo mal se expozera á acção refrigerante para acabar com os ultimos ardores d'uma incandescencia prolongada, a vida não era representada senão simplesmente por uma massa protoplasmica lassa e molle.

Com o correr dos tempos da differenciação ininterrupta d'essa massa na lucta dura e fatal pela existencia, se derivaram todas as especies, que, por sua vez, guerreando-se com uma furia eterna, deram origem em virtude de *variações espontaneas* vantajosas para o meio, a outras especies mais adiantadas, em que o progresso é marcado por uma divisão physiologica mais estensa do trabalho.

D'estas methamorphoses ou transformações das especies, que datam de ha mais de centenas de milhões de seculos, uma das ultimamente executadas é a da especie humana que, ha algumas centenas de seculos, era representada pelos Neamderthall, os nossos avóengos os mais remotos até hoje conhecidos d'uma maneira precisa.

Dotados d'uma estupidez a toda a prova, estes nossos antigos representantes tiveram de travar luctas incruentas contra os animaes para a propria conservação os primeiros passos que a humanidade deu no caminho da civilisação foram marcados pelas dôres as mais cruciantes sentidas nas fauces do *urso das cavernas*; os primeiros incentivos que nos levaram a puxar pela bossalidade cornea, correspondente a um angulo facil de 65.° e a dois centimentos e meio de saliencias das sobrancelhas, foram os sentimentos de antipathia.

Depois d'isto, quando o habito e a intelligencia nos dispensaram de empregar todo o tempo em combater féras, começámos a combatermo-nos mutuamente; as raças mais fortes e intelligentes quizeram dominar e extinguir as mais brutas e fracas.

As tradições egypcias fallam nos seus soldados primitivos, que combatiam os inimigos da patria a pau; de modo que assim se ficou sabendo que a *corrente antipathica*, posta aqui em evidencia pelas manifestações do marmelleiro empregado ainda ha pouco tempo para embrenhar convicções legitimistas na nossa terra—serviu então d'uma alavanca poderosa do progresso.

A bordoado dada pelos egypcios nos povos circumvisinhos foi o primeiro elemento que lhes permittiu a constituição e o aperfeiçoamento d'essa poderosa civilisação tão admirada pelos modernos.

*

Alem d'isso mesmo as phrases da nossa actual civilisação nos mostram que a corrente antipathica tem dado os seguintes bons resultados:

Extincção das raças imperfeitas e fracas; desenvolvimento do espirito de união; transmissão pela hereditariedade das vantagens adquiridas; progresso das manufacturas e das artes pelas exigencias da guerra; applicação dos materiaes de destruição, como a polvora, nas explorações da industria; transformação das tribus nomadas em outras maiores, d'estas em pequenas nações e de pequenas nações em grandes aggregados, os unicos que permittem uma divisão avançada de trabalho, que por sua vez é a base essencial do desenvolvimento de todos os ramos da nossa actividade, quer physica, quer intellectual; a creação do habito do trabalho, obrigando os povos conquistados á submissão e ás exigencias d'uma sociedade mais avançada, etc.

A corrente contraria tambem tem por sua vez outros resultados beneficos. São:

Facilitar a formação das relações de trocas; preparar-nos para a realisação d'um typo social elevado, cuja existencia é impossivel sem que as ambições egoistas sejam tolhidas por sentimentos altruistas; reprimir o excessivo desvio dos grandes capitaes, quer materiaes, quer intellectuaes, da actividade industrial, etc.

*

Desde o momento em que verificamos que tanto a *corrente sympathica* como a *antipathica* tem as suas virtudes como os seus vicios, é forçoso reconhecer-se a necessidade da sua combinação, para formarmos com elles a unica norma da vida, vantajosa e praticavel nas nossas relações para com a sociedade, deixando que tanto uma como a outra se possam modificar convenientemente na successão dos annos.

A nossa moralidade deve ser tambem por sua vez essencialmente baseada sobre semelhante systema mixto, convencendo-nos de que é tão immoral prégar-se por um egoismo feroz a extincção d'um membro prestante á sociedade, como defender-se por um sentimentalismo piegas e estupido a conservação de quem lhe possa ser nocivo. Ella deve, além d'isto, se essencialmente evolucionista, compenetrando-nos de que o dever não tem significação alguma absoluta; pelo contrario, a sua concepção é profundamente influida pela acção refringente do meio. Aonde este está impregnado de preconceitos, é impossivel a percepção exacta do bello.

*

Antes que Darwin generalisasse d'um modo preciso os factos fundamentaes da theoria da Evolução, e Spencer a applicasse d'uma maneira fecunda e brilhante ás sciencias sociaes, parece que os nossos antepassados tinham para assim dizer, por mera intuição algumas ligeiras noções do opportunismo prégado pela sciencia hodierna.

A historia da antiguidade com as suas propriedades eminentemente caracteristicas de representar por entidades mythologicas os phenomenos naturaes, bastas vezes nos mostra que lhe não era inteiramente estranha uma verdade tão vulgarisada na actualidade—de que a implantação das instituições, sómente compativeis com um certo numero de conhecimentos adiantados n'um meio relativamente eivado de vicios, tem por unico resultado a corrupção d'essas proprias instituições.

A descripção biographica de Venus, a deusa bella nascida de espuma do mar, dà uma prova, para mim cabal, de semelhante asserção.

Casada com o feio Vulcano, essa *diva* prostituiu-se, não só com todos os immortaes das ethereas regiões, mas ainda, farta dos seus olympicos amores de contrabando, andou em digressões de alcova por esse mundo fóra, abandalhando-se como a mais impudica barregã, nos thalamos dos mais simples mortaes.

SAHIB.

UM INCIDENTE

Aposto o que quizerem se houver em parte alguma pedaço de natureza mais encantador, mais cheio de frescura e de graça. Para mim é ponto de fé que mão mysteriosa e artistica planta as giestas e os choupos, pendura as trepadeira e entrança no ar a ponta dos ramos das arvores, que fazem docel ao rio. Se assim não é, expliquem-me porque esta madresilva nasceu ao pé d'aquella azinheira, correu um poucochito a sul, trepou a este penedo musgoso e se deixou cahir graciosa como uma grinalda. Digam-me a razão que levou aquella luxuriosa mosqueteira, de um verde-escuro estrellado de pequeninas rosas, a vir plantar-se alli e fazer gracioso fundo a tufo visinho de lilazes. Ora! São cousas inexplicaveis e profundas e argumentos convincentes para mim, de que, no meio d'estas verduras, vive uma boa fada que artisticamente recurva, acolá o tronco de um olmeiro, e planta mais adiante uma papoula branca. Não ha, não ha, aposto o que quizerem, pedaço de natureza mais artistico, mais fresco, mais encantador.

Foi por aqui que encontrei, n'uma manhã, um inglez *touriste*, de bocca aberta, pasmado de haver achado sobre a terra uma das mais bellas descripções do seu *Paradise Lost*.

O rio, um pequeno rio de uma agua crystallina e anilada, passa de mansinho por sob a ramada das arvores, deixando vêr o fundo de areia branca com reflexos de prata. Oh! a pittoresca viagem que se faz no barco que a corta diariamente! No meio, sobre uma ilhota, encontra-se uma velha azenha coberta de trepadeiras e musgos. Quando o barco passa, um postigo abre-se lá em cima e apparece a cara risonha do moleiro:—Bons dias, rapazes. Que ha de novo?—O barqueiro é a gazeta de todas as povoações, casaes e quintas que molham os pés na agua. Conta-se então do barco para o postigo, ou do barco para a margem, as locaes mais palpitantes e os casos de sensação: uma cachopa que casou;—lá vae, que Deus a ajude: um boi que morreu;—coitado! acabou-se-lhe o fadario: um plantio de bacello;—é bom, quem semeia colhe. Faz-se severa critica aos costumes; lamentam-se os tempos velhos; e zurze-se, em artigo de fundo, a politica do regedor e as desintelligencias das confrarias. Uma voz de mulher chama de dentro:—O' homem, ficas-te ahi?—E' a moleira.—Adeus, rapazes.—A perola acaba; a vara enterra-se na areia o a viagem continúa.

Por entre a abertura das arvores vêem-se os campos cultivados; as devezas cheias de silencio; as arvores todas floridas; e, lá ao longe na sua meia tinta azulada, a montanha deitada magestosamente. N'isto, pendurada na margem, surge uma casa de colmo; mais adiante um mirante de Julieta sobre o rio; perto da agua, duas vaccas que andam pascendo mansamente e que nos ficam a olhar com os seus olhos bondosos, ou um bando de patos que brinca n'uma pequena enseada, á sombra de um carvalho de cem ou duzentos annos. Pouco acima eis outra ilhota onde se ergue um grande olmo, sob o qual se abriga uma pittoresca azenha em derrocada. E' um drama tudo aquillo. A solidão do sitio; a janellita fechada; as paredes em ruina; a pontesita quebrada... Faz pena, faz saudade, muita saudade... e eis o barqueiro que vos conta commovido a historia do tio Joaquim que ensandeceu, porque a Rosita, uma vez, catrapúz... acolá de cima da ponte.

Vós já a sabeis. Adiante.

O sol, através da folhagem, repassa-se de uma côr terna e põe na passagem claros-escuros, meias tintas de effeito delicioso. A's vezes ha bocadinhos de sombra appetitosos, que nos dizem de lá:—Então, vinde até aqui.—Nada, não póde ser. O barco do tio Antonio tem a exactidão de um paquete. Quem sahe de casa ás 6 horas sabe que, ahi pelas 7, póde ouvir missa em Santa Ignez. E eis porque este barco é o mais estimado dos tres que fazem a viagem entre uma graciosa aldeia, que fica lá em baixo na vertente de uma collina, e uma aldeia graciosa sentada á beira do rio entre laranjaes e oliveiras.

Eil-o. Fallai no mau... Elle lá vem ao fundo, acolá, na curva do rio. Vêem-se os lenços de côres das raparigas brilhar pelos intervallos dos choupos. O tio Antonio enterra a vara na areia e o barco abre mansamente a superficie lisa da agua.

Heim! Como vem galhardo! E' sem duvida o barco mais alegre cá do sitio. Quasi sempre embandeirado; para isso ao tio Antonio basta um pequeno pretexto. A viagem é sempre divertida.

A gente canta, conversa, ri muito, conta historias e, por vezes, faz-se dentro d'elle uma festa;

Canninha verde
Verde canna de encannar...

e logo a requinta ou a banza, que apparece por obra magica, acompanha a voz fresca da rapariga que canta á desgarrada. Eh! moças. E ahi vai a festada, rio acima, n'uma alegria de almas singelas e de bons corações.

— Mas que tem o tio Zé d'Azenha que vai para alli como um mono?—observa uma das raparigas.

— E sim, que tem?—repetem as outras—elle que, com os seus 72 bem puchados, é mais fallador e alegre que muitos moços de 20!

— O que tem, tio Zé d'Azenha?

— Ai! raparigas. Esta manhã, quando vinha tomar o barco, encontrei no caminho da Azinhaga a pobre Maria do Casal....

N'este ponto faz-se no barco silencio e todos se inclinam mais para ouvir:

— Pobre Maria do Casal!—dizem para si as raparigas—Que mal faria esta desgraçada ao Senhor para que tão cruelmente a castigasse? O homem entrevado; a penhora; os boisitos mortos; cinco filhos pequenos sempre a chorarem de fome... O' Deus do céu! E lembrar-se a gente que ainda ha pouco eram pessoas abastadas e sempre caridosas e promptas a ajudar e a servir os outros. Ha dous annos ainda, e todos os que vão se lembram bem, a Maria do Casal, cheia de ouro, arrecadas, corações, lá ia com a canalha endomingada e o marido, todo teso, á romaria.

— Pobre mulher!—exclamam ellas—Mas que faria ao Senhor para que assim a castigasse?!

O abbade da freguezia, que vai no barco tambem, acode em auxilio de Nosso Senhor. Sente-se triste elle que conhece de sobra as virtudes d'esta boa gente; a sua caridade; a sua religião; a sua alma; e, no seu intimo, tambem pergunta ao céu o que lhe tinha feito esta familia.

— Acreditai-me, filhas. Deus nunca abandona as suas creaturas—diz elle.

E para exemplo, falla-lhes do bom homem da Biblia, que se chamava Job. Era um homem riquissimo. Tinha immensos campos cultivados, rebanhos innumeraveis, filhos e thesouros. Vai um dia o diabo, que queria vêr se perdia o santo homem, vai ter com o Senhor e pergunta-lhe em que conta tinha aquelle filho.

— Isso é trigo sem joio, disse o Senhor.—O mafarrico sorriu-se:—Bem sei; é porque tem rebanhos e campos e thesouros. Mata-lhe tu os filhos; exterminalhe os rebanhos; assola-lhe os campos e perde-lhe os thesouros e diz-me depois se elle é o mesmo trigo sem joio. Pega o Senhor que faz? Mata-lhe os filhos; e Job espera no Senhor. Extermina-lhe os rebanhos; e Job continúa a esperar. Assola-lhe os campos; e Job espera ainda. Perde-lhe os thesouros; e Job lá está esperando. E, abandonado de amigos, desprezivel, leproso, cheio de bichos, Job é o mesmo Job dos rebanhos, dos campos, dos thesouros e dos filhos. E por elle esperar no Senhor, Deus o tornou ás suas antigas grandezas mais glorioso e mais santo, e o diabo apanhou uma reprimenda e lá se foi envergonhado e furioso. Acreditai, meus filhos, o Senhor nunca abandona as suas creaturas. Se nos manda infelicidade, é para experimentar a nossa paciencia, como aconteceu a este bom homem Job. Mas, depois? ó Zé d'Azenha?

— Ella vinha descendo a azinhaga com um braçadosito de lenha. Trazia os olhos vermelhos e magra, Jesus! magra como isto (um dedo). Aquillo andou por lá a chorar, pelo monte. Ao passar por mim, disse-lhe:—Viva, só Maria: então como vai andando o seu homem?—O homem vai cada vez peior. Ha pouco ainda se erguia da cama e, agarrado a um pau, vinha de vagar, a arrastar-se até á porta. Mas agora, coitadito, está prostado com dôres e berra de dia e de noute. Aqui á pobre Maria saltam as lagrimas dos olhos; e de repente endireita-se, larga a lenha, vacila e cahe-me redonda no chão. Então é que foi chorar, raparigas. Pensei que a pobre de Christo se desfazia em lagrimas. Eu, que tambem choramigava, dizia-lhe:—Mas que tem, só Maria? então, vamos, seja homem, que tem? vamos, diga, que tem?—Que tinha! Quereis saber, rapazes? Quer saber sôr abbade? (e a voz do homem abaixa-se) quereis saber? O tio Joaquim Bangalla veio ahi no outro dia; entrou-lhe em casa e diante do pobre homem que já a não póde defender... que já a não póde defender...

Todo o barco, os olhos pasmados, está suspenso dos labios do narrador que gagueja e parece ter vergonha de contar *o que o tio Bangalla tinha feito.*

— Que fez?—diz o abbade, em cujo olhar claro passa um relampago de cólera.

— Bateu-lhe...

— Oh!!!

— E affirmou-lhe, rapazes, que se hoje lhe não entregasse o aluguer, havia de lh'o tirar das costas á paulada.

— Oh, meu Deus!—dizem as raparigas—o tio Joaquim Bangalla que nem sabe o que tem de rico!

— Mas então—exclamou o abbade—a pobre mulher talvez que a esta hora... E de pé no barco, duas rugas na testa, a maldição que vai fulminar o criminoso a entre-abrir-lhe a bocca—Mais depressa Antonio; vamos mais depressa.

A vara enterra-se na areia; e o barco, sahindo da sua velocidade ordinaria, singra mais forte a corrente. N'esse momento, como se passa ao pé da azenha, abre-se o postigo lá em cima e apparece a cara festiva do moleiro.

— Bons dias, rapazes. Que ha de novo?

— Qual que ha de novo! O barco vai por ahi fóra.

— Adeus, adeus; não ha tempos de parolas, hoje...

— Mas que ha, mas que ha? berra o moleiro.

Isso sim. Onde já vai o barco!

— Adeus, amigo.

E o Zé d'Azenha continua:

— Felizmente, sôr abbade, eu ia pagar a minha renda. Era pouquito. Cá a gente é pobre. Mas, no emtanto, dei-lhe para metade do aluguer. Verdade seja que ella não queria pegar. Disse-me que eu era pobre tambem, que tinha mulher e filhos. Mas obriguei-a a acceitar:—Qual pobre. Cá a gente é homem, só Maria. Não ha Bangalla no mundo que seja capaz de me bater, tocar sequer.—Ella acceitou, coitadita, e estou que o senhorio se contentará com metade.

Nos olhos do abbade apparecem duas lagrimas e aperta commovido as mãos do lavrador; os homens tiram instinctivamente os chapéus; e um côro de—Deus lh'o pague—sahe das almas das raparigas assim como o incenso de um thuribulo.

— Já não ha perigo então—diz para si o tio Antonio; o barco abranda a corrida e elle senta-se na borda a descansar—Ah! ainda bem.

Um dos rapazes, lembrando-se do moleiro, que ficou lá no postigo a fazer cruzes na bocca a respeito de novidades, exclama:

— E o moleiro, ó tio Antonio?

— E sim, e sim.

Todos se riem. Outras conversas vêem e, a tristeza já longe, a requinta, ainda com medo, modula de novo a farandola:

Canninha ver...

Mas n'isto de uma das margens ouve-se berrar:

— Shiu! O' do barco. O' tio Antonio. Chega. Eh! O' tio Antonio.

A alegria foge espavorida; faz-se um silencio glacial.

— Oh!

E' o tio Joaquim Bangalla.

O barco chega-se á margem, toma o ricasso e continua silenciosamente a viagem.

— Bons dias.—Diz elle—Olá, sor abbade.

E, com um sorriso de orgulho, senta-se entre as raparigas. E' um homem feio e sêcco e tem umas mãos enormes.

— E que marmelleiro o tio Bangalla traz!—dizem com os seus botões as raparigas—E' naturalmente para bater na pobre Maria do Casal. E', é.

E agora uma, logo outra, vão-no deixando sósinho, sentado na borda do barco. Quando a ultima se ergue, elle morde os beiços, e diz:

— Olá, ó moças, olhai que eu não tenho sarna.

E fica a remoer o insulto. Um homem de dinheiro como elle! Que ladras! Uma cólera surda trabalha-o interiormente. Não lhes poder alugar casas tambem. E com o instincto da vingança começa a contar que vai de passagem para a aldeia. Uma bisca que ha lá, a quem ha-de pôr o sal na moleira.

— Não que isto, minhas amigas, é só estar em boas casas e não pagar. Pois... Vocês conhecem-na bem: é a Maria do Casal. Eu lá vou, eu lá vou. Rua; tudo na rua. Vão roubar para o inferno.

O grosso bengalorio bate no fundo do barco e faz compasso ás ameaças. Ouvindo-o, as raparigas, assustadas, chegam-se mais para o abbade.

O Zé d'Azenha exclama:

— Não se afflija, sôr Joaquim. A mulhersita paga-lhe... paga-lhe metade.

— Metade! Pois não, pois não: ha-de ser todo. Não que eu não o vou roubar, ouviu *seu* Zé d'Azenha. Levo aqui o mandado de despejo. Rua, tudo para a rua. Metade! Isso veremos.

Oh! que vontades sentem os homens de enganar aquelle tratante. Mas eis que o abbade, de sotaina russa, o lenço vermelho apertado na mão esquerda, se ergue pallido, muito pallido. Está bello e imponente, de pé, a cólera no rosto, o fogo nos seus olhos claros. No religioso silencio que de repente se faz, ouve-se, ao longe, o cahir fresco da agua de um dos affluentes do rio.

— Tu não tens coração, Joaquim;—exclama elle—tu não temes a justiça do Senhor. Como foi que o teu braço sacrilego ousou erguer-se contra uma mulher indefeza, santificada duas vezes—esposa e mãe? Diz-me; anda; responde. Oh! Como n'esse momento te não cahiu aos pés a mão que commetteu tal sacrilegio! E bateste-lhe, sim, bateste-lhe diante do homem que se não póde erguer para te esmagar aos pés, miseravel. A tua acção, Joaquim Bangalla, é tão negra que não encontrará perdão, escusa a mais pequena, no coração dos mais maus. Sahe-te, sahe-te da minha vista, que sinto vontades de te amaldiçoar em nome do Senhor.

— Que maroto! que maroto!—murmuram os homens.

O tio Antonio aperta a vara nas mãos. Sem governo o barco deriva na corrente e fica atracado á margem.

— Que maroto!

— E tu, homem sem coração, atreves-te a vir dizer diante d'esta gente honrada, que tem mulher e filhos tambem, e diante de mim, que sou seu parocho, que vaes pôr fóra de casa, bater talvez n'uma pobre mulher que trabalha, que se mata, para enganar a fome a cinco filhos pequenos e sustentar um desgraçado que não póde ganhar o pão!

— Ao rio, ao rio, esse grande velhaco.

A vara ergue-se no ar nervosamente e um homem adiante-se para atirar com o Bangalla ao rio. Mas o abbade, prudentemente, empurrou o usurario para a margem.

— Vai, vai. Isso faz indignar a gente. Quando se commette d'esses crimes, só se dizem, a meia voz, aos pés do confessor. Anda, vai-te embora e vê se te arrependes. Olha que os usurarios têem o peior lugar no inferno.

O Bangalla, assobiado, apupado, expulso do barco, ao vêr-se livre na margem, solta um suspiro de allivio:

— Que ladrões! que refinadissimos ladrões! Elles m'as pagarão,—murmura por entre dentes, e lá se vai pelo atalho, amarello como um defunto.

O abbade senta-se então, limpando o suor da testa com o seu lenço vermelho. De pé, em magote, no barco, homens e raparigas olham o Joaquim Bangalla, que sóbe a encosta, a tropeçar de cólera.

— Vai como uma bicha,—exclama de repente uma cachopa.

Faz-se um explosão de risos.

— Vai, vai. Não que elle ouviu-as bonitas! Foi bem feito, foi muito bem feito. O que elle precisava era apanhar um mergulho.

— E com esta—diz de lá o tio Antonio, a vara em punho, desviando o barco da margem.

Tudo falla, tudo ri; todos lembram; ao mesmo tempo, os mais pequenos episodios da scena.

— E a cara que elle fazia quando o sr. abbade lh'as cantava? Pôz-se amarello, azul, roxo, côr de couve. O que admira é elle não ter dado um pio! Não que elle se abre o bico ia ao charco; olé se ia.

No meio d'esta algazarra de dictos, risos, ápartes, o abbade, calado e triste, pensa na maldade dos homens quando as requinta, lá da prôa, modula outra vez a farandola;

Canninha verde
Verde canna de encannar...

e a vara na agua clara, *chap, chap*—Vamos, vamos—porque até n'aquelle dia, não obstante o incidente, o barco do tio Antonio teve a exactidão de um paquete.

GUILHERME GAMA.

Parte Official

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 28

Listas para arrematações bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Diario de 29

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Annuncio de estar aberto concurso, pelo praso de 30 dias, para o provimento do logar de recebedor da comarca de Penella.

Diario de 31

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Telegraphia

Paris, 28.—A commissão do orçamento decidiu examinar o orçamento dos cultos, se a camara não estatuir em tempo util ácerca da separação da Igreja e Estado.

O sr. Goblet, ministro da instrucção publica, expoz as razões pelas quaes o impossivel esta separação immediata é censurou as reducções parciaes no orçamento dos cultos como perseguições desastradas. A commissão depois de ouvir o sr. Goblet, restabeleceu os cultos por 15 votos contra 13.

O jornal *Le Temps* diz que cousa alguma justifica a expulsão dos principes, e que tal medida revela ausencia completa de senso politico.

Londres, 28.—Camara dos communs:

O sr. Hicks Beach propoz á camara que addiasse as suas sessões, para protestar contra a falta de clareza no procedimento do sr. Gladstone a respeito da questão do *bill* irlandez, mas depois das explicações do sr. Gladstone, dizendo considerar a votação em segunda leitura como um solemne compromisso tomado pela camara para resolver prontamente a questão irlandeza, o sr. Hicks Beach pediu para retirar a sua moção, que foi afinal rejeitada por 405 votos contra 1.

Bolama 28.—Chegou hoje a este porto o paquete *Portugal*, da Companhia Nacional de Navegação, e segue ámanhã para S. Thiago.

Rio de Janeiro, 28.—Chegou hoje a este porto, vindo de Lisboa, o paquete *Tagus*, da Companhia da Mala Real Ingleza.

Pernambuco, 29.—Segue para Lisboa o paquete *La Plata*, da Companhia da Mala Real Ingleza.

New-York, 29, t.—Está designado o dia 2 de junho para celebração do casamento do presidente Cleveland.

O jury declarou culpado o agitador anarchista Most; mas o juiz ainda não proferiu a sentença.

Berne, 29, t.—O conde d'Ostiani, ministro da Italia na Suissa, vae em missão do seu governo passar alguns mezes no Chili.

Paris, 29, n.—O *Livro Amarello* agora distribuido é todo concernento ás questões do Romelia e da Grecia. Pelos documentos n'elle publicados vê-se que a França desde o começo do incidente da Bulgaria se esforçou por localisar o conflicto e obter uma solução pacifica; teve o cuidado de deixar actuar as potencias mais interessadas, mas a respeito da questão da Grecia, na qual a mais interessada é a França, por causa do Mediterraneo, foi mais activa e mais pessoal, sempre todavia em sentido pacifico.

A commissão senatoria incumbida de dar parecer sobre a convenção franco-hespanhola ácerca da pesca no Bidassôa elegeu para seu presidente o vice-almirante Jaures, approvou depois o projecto e nomeou relator o vice-almirante Peyron.

Diz um despacho de Roma para o *Monde* que o Papa resolveu enviar á rainha regente de Hespanha a rosa de ouro, que será levada a Madrid por um delegado especial.

Camara dos deputados—O sr. Michelin realisou hoje a sua interpellação ao governo a respeito das *grèves* de Decazeville: accusou a companhia de malevola, e o governo de impotente. Respondeu o sr. Baihaut, ministro das obras publicas, dizendo que o governo fez tudo quanto póde e que actualmente a *grève* é parcial.

A camara approvou por 369 votos contra 171 a ordem do dia pura e simples pedida pelo governo.

Madrid, 29.—A *Correspondencia de España* diz correr o boato de que D. Carlos de Borbon está proximo de Perpignan.

Partiu hontem para a capital de França o conde de Paris. A condessa partiu hoje.

Roma, 29, meio dia—Em V[illegible] houve hontem mais 33 casos e 21 [illegible] de colera.

Paris, 30, manhã.—Os jorna[illegible] vista da composição da commissão

hontem, consideram inevitavel a expulsão dos principes.

O *Journal des Débats* censura o gabinete por haver cedido á impulsão dos radicaes.

Parece que é um facto averiguado a concentração das tropas chinezas na fronteira russa.

Paris, 30.—O conde de Paris chegou aqui esta manhã, indo installar-se no seu palacio da rua de Varennes.

O jornal *Le Temps*, manifesta o seu espanto de que depois de tanto barulho feito a proposito da expulsão dos principes, se não pronunciasse esta medida n'uma maioria mais consideravel.

Acrescenta que a maioria parece querer adoptar o methodo cezariano ou jacobino. Nada podemos fazer a isto, pois que é a maioria que assim o quer;—mas ha de permittir-nos essa maioria, que duvidemos da sua perspicacia e do seu bom exito.

Paris, 31.—Da linguagem dos jornaes e circulos parlamentares resulta que a questão dos principes foi provocada mais para derrubar o gabinete, do que para os expulsar.

Londres, 31, de maio.—Esta noite, em uma reunião dos partidarios do sr. Chamberlain, depois de alguns discursos e da leitura de uma carta do sr. Bright, que declara tenciona votar contra o bill do *home-rule*, 45 deputados, de 52 que estavam presentes, tomaram a decisão de votar contra na segunda leitura do bill; esta decisão torna virtualmente certas a derrota do governo e a dissolução do parlamento.

Ha grande excitação nos corredores da camara.

Madrid, 31.—Depois de constituida a camara, o ministro da fazenda sr. Camacho, apresentará immediatamente o orçamento ordinario nivelado, e no proximo outono apresentará o orçamento extraordinario, com o pedido de auctorisação para vender parte das mattas do Estado, remir o censo das propriedades em favor do clero e das corporações civis, e de transferir para o thesouro publico os fundos das caixas especiaes.

O senado approvou a resposta ao discurso da corôa por 133 votos contra 57.

O governador civil de Madrid quando entrava hoje no seu gabinete e ia a despir o sobretudo, deixou cahir ao chão um rewolver, que se disparou, ferindo-o no ventre.

Paris, 31.—A commissão do projecto da expulsão dos principes, elegeu para seu presidente o sr. Madier de Montyau, e decidiu ouvir ámanhã o presidente do conselho, sr. Freycinet e os ministros do interior e justiça, srs. Sarrien e Demole. E' provavel que a discussão do projecto na camara comece sabbado.

O jornal *La France*, crê que se chegará a um accordo entre a maioria e o governo sobre a base da expulsão unicamente para os pretendentes da linha directa.

Madrid, 1.—O governador civil de Madrid está muito doente.

Paris, 1,—Proximo de Marselha houve hontem um choque entre dois comboios do caminho de ferro. Ficaram feridas 15 pessoas, 5 das quaes gravemente.

Londres, 1.—Presume-se que o *bill* do *home rule* será rejeitado por 250 votos contra 240.

S. Vicente, 31.—Segue para Lisboa o paquete inglez *Valparaiso* da Companhia de Navegação do Pacifico.

Carta de Lisboa

Lisboa, 1 de junho de 1886.

Estão por assim dizer terminadas as festas, e apesar da sua recordação ser ainda vivissima, já se vae pensando em outros assumptos que não devem interessar menos o paiz. Todos os ministros tem muito adiantados os projectos de reforma que cada um na area dos negocios do seu ministerio espera realisar, e tudo leva a crer que a maior parte d'essas reformas, todas d'um grande alcance governativo, sejam em breve lei do paiz.

— Houve ante-hontem grande temporal em Lisboa. A chuva era torrencial e a ventania fortissima. Os adornos das ruas soffreram muito, pois cahiu uma porsão de escudos, aluiram bastantes mastros, rasgaram-se algumas bandeiras. Os navios estiveram com os mastaréos arreados e reforçaram as amarrações. O rebocador *Lidador* occendeu a machina para, no caso que houvesse algum abalroamento, *prestar soccorro rapido*. Os vapores Lisbonenses só fizeram carreiras para Cacilhas. A carreira de Belem foi suspensa. Na ponte da alfandega de Lisboa escangalharam-se tres botes. Na Avenida cahiram tambem alguns mastros e rasgaram-se algumas bandeiras. Os estabelecimentos da rua das Pretas soffreram alguns prejuizos, causados pela agua. Andou o pessoal da bomba n.º 16 a esgotar a agua d'aquelles estabelecimentos.

— A'cerca do soberbo couraçado *Italia*, diz o nosso collega do *Commercio de Portugal*:

«O bello couraçado italiano actualmente fundeado no nosso porto, é o maior que se tem construido até hoje, tendo 13:700 toneladas de lotação, com machinas da força de 18:000 cavallos-vapor. Com estas machinas póde o navio attingir a velocidade de 15 milhas por hora, e a quantidade de carvão que comportam os paioes permitte-lhe percorrer mais de 4:000 milhas a todo o vapor, e 4:500 com uma velocidade mais moderada. A facilidade com que póde virar é notavel. O reducto central tem uma couraça de 19 pollegadas (0m,458) o resto do navio não tem couraça vertical, mas as machinas, paioes, etc., collocados abaixo da linha de fluctuação, são protegidos por um convez blindado.

O *Italia* é essencialmente navio de combate, destinado ás grandes batalhas navaes, e ao ataque e defeza de portos, sua principal arma é a artilheria, e as peças Armestrong de 100 tonelladas, locadas no seu reducto central são os ...es mais formidaveis que tem pro... a industria moderna. Estas peças acham-se dispostas em *barbetta*, sobre duas plataformas, uma á vante e a estibordo, outra á ré a bombordo, collocação que permitte a todas as 4 peças fazerem fogo simultaneamente na direcção da quilha. As plataformas em *barbetta* tem vantagem incontestavel sobre as torres blindadas dos grandes couraçados inglezes, porque n'estas os estilhaços de bomba, ou boccados de couraça, que cahirem junto da torre podem muito facilmente obstruir o mechanismo de giração, inutilisando assim ambas as peças. Na disposição em *barbetta* adoptada no *Amiral Duperré* e outros couraçados francezes, os serventes das peças estão expostos ao fogo da fuzilaria e das metralhadoras; no *Italia*, pelo contrario acham-se perfeitamente protegidos, abaixo das plataformas, emquanto que o chefe das duas peças as aponta simultaneamente, collocando-se n'uma pequena capoeira blindada, ao lado. O machinismo de carga, posto que difficil de descrever claramente, é realmente simples e não se desarranjará com facilidade. Dado o tiro, utilisa-se o esforço do recuo (limitado a 1m,40) para comprimir o ar n'um apparelho hydro-pneumatico collocado por baixo da plataforma, descendo esta, de moda a elevar até ao angulo de 12.º a bocca da peça; n'esta posição acha-se a culatra protegida pela blindagem, e póde-se com perfeita segurança, sendo os cartuxos trazidos até ao seu logar por uma pequena machina de vapor. Carregada a peça, uma alavanca permitte ao ar comprimido distender-se e o systema todo volta lentamente á posição de tiro. E' preciso notar que n'estes canhões monstros foi preciso abandonar completamente a suspenção ordinaria por meio de munhões; tres anneis salientes de aço, que fazem parte da peça encaixam solidamente em ranhuras correspondentes do reparo, ao qual ella se acha assim invariavelmente ligada. A operação toda de abrir a culatra, carregar, e fechal-a de novo; effectua-se em menos d'um minuto.

As peças de 100 toneladas lançam projectís do peso de 900 kilogrammas; e nos ensaios feitos em Spezzia com cargas de 225 350 kilogrammas de polvora, a velocidade inicial varia de 436,8 até 558 metros por segundo, com pressões de 1,716 até 2,583 kilos por centimetro quadrado. O armamento do *Italia* é completado por 2 peças Armstrong de 4 toneladas, uma á prôa e outra á ré com campos de tiro de 40.º, e 8 peças lateraes do mesmo calibre com campos de 15.º. Contra os torpedeiros ha 15 metralhadoras e canhões rewolvers em differentes pontos do navio, e para lançar os torpedeiros Whitchead ha 4 tubos que commendam cada um 9.º do horizonte.

Os apparelhos electricos que tão brilhantemente concorreram para a illuminação da nossa cidade, são destinados a descobrir de noite qualquer torpedeiro que se approxime, e se elle fôr descoberto lá estão as metralhadoras e a fuzilaria para o destruir. Mas, se chegar a 200 metros sem ser descoberto?... Um veio d'agua não seria comtudo fatal ao *Italia*, graças á sua construcção cellular, mas obrigal-o-hia a dirigir-se ao porto mais proximo para reparar as suas avarias.

O unico mastro que possue é um *mastro de combate*, de aço, óco, tendo por dentro uma escada por onde podem subir os marinheiros para manobrarem a metralhadora que lá se acha em cima, prompta a varrer os convezes inimigos.

A torre de vigia, desprotegida, onde se colloca o commandante durante um combate communica pelo telegrapho, telephone e porta-voz, com todas as partes do navio. Á vante ha uma segunda torre para o caso de ser inutilisada a primeira.

A guarnição do *Italia* compõe de 700 homens, fóra os officiaes.

— Já saiu para o Porto o destacamento de policia civil que d'alli veio para ajudar o corpo policial de Lisboa por occasião dos festejos. O serviço que prestou foi bom.

— Foi nomeado aspirante da repartição de fazenda de Beja, o sr. José Candido de Mira; e da de Portalegre o sr. Manuel Mendes Ferreira. Foi transferido para Mourão o escripturario de fazenda de Loulé, e para o concelho de Monchique o sr. Mascarenhas.

— Devem regressar por estes dias aos seus respectivos corpos os contingentes de cavallaria e caçadores que teem estado addidos aos regimentos de cavallaria 2 e 4, e de caçadores 2 e 5.

— O sr. D. Ruy Affonso de Borba Figueiredo Cordovil e Tancos solicitou de Roma o breve de capella com celebração de missa aos domingos no seu solar nas margens do rio Lima.

— Acompanharam o em.mo patriarcha, que partiu ante-hontem para Roma, o sr. dr. Elviro dos Santos, monsenhor Serrano e D. José Pombal.

— Casou hontem em Madrid o sr. D. Luiz de Bourbon, sendo padrinho S. M. el-rei o sr. D. Luiz I representado pelo sr. Mendes Leal, nosso ministro n'aquella côrte.

— Dos 78 concorrentes aos officios de tabelliães de notas, 14 foram classificados muito bons, 48 bons e 11 ficaram adiados.

— Na vaga do sr. general Canavarro serão promovidos a general de divisão o sr. Macedo Couto e a general de brigada o sr. Domingos Gomes, coronel de infanteria 12.

— A alfandega de Lisboa rendeu o mez passado 778:000$000 réis, mais 174:000$000 réis que em egual mez de 1885.

— Tem trabalhado no gabinete do sr. ministro da justiça a commissão que trata da reforma do Codigo Penal. Tem já os seus trabalhos muito adiantados.

— O sr. ministro da marinha recebeu no sabbado o seguinte telegramma expedido pelo sr. governador geral de Moçambique:—«Segundo me acaba de communicar o major Serpa Pinto, chegou, felizmente, a Quilimane o tenente da marinha real, Augusto Cardoso, tendo apenas perdido dois homens na viagem. São importantes os trabalhos scientificos realisados pela expedição. Serpa Pinto e Cardoso seguem para o reino.»

— A festa real na Tapada da Ajuda começará no proximo sabbado com a inauguração do edificio do Instituto Princeza Maria Amelia. No domingo terão logar as illuminações e fogos de artificio.

— Na sessão da camara municipal, o vereador Magalhães Lima propoz que se fundasse em Lisboa um instituto «Pasteur».

Y.

ANNUNCIOS

EUCALIPTOS

149 COMPRAM-SE alguns paus de eucaliptus seccos, que tenham mais de 45 palmos de comprido e que sejam direitos e sem nós. Quem os tiver n'estas condições póde dirigir-se á Administração d'este jornal, que alli se lhe dirá quem os compra.

PREVENÇÃO

152 FRANCISCO dos Santos Pereira Mello, d'esta cidade, faz publico que se não responsabilisa por qualquer divida que sua mulher faça.

Aveiro 28 de maio de 1886.

Francisco dos Santos Pereira Mello.

NOVIDADE

153 REFRIGERANTES gazosas de limão, baunilha, hortelã pimenta, salsa-parrilha, morango, alcatrão franboezas, cognac, rhum, genebra, etc.; vendem-se na loja de José Fernandes Melicio em Aveiro, assim como genebra Fockink legitima a 550 reis a botija, cognac de 1.ª qualidade a 1:000 reis a garrafa, dito de 2.ª a 800, créme a 500 reis e kermann a 600 reis.

AFINADOR

145 OFFERECE-SE um afinador de pianos, com pratica d'este trabalho, e por preço convidativo.

Quem precisar dos seus serviços dirija-se a Joaquim Antonio Placido.

LARGO DO ROCIO—AVEIRO

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções de Voz, Inflammações da Bocca. Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Snrs. PREGADORES, PROFESSORES e CANTORES, para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO: 600 REIS.
Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, em PARIS

AGUAS ALCALINO-GAZOSAS-LITHINAES
DE
VIDAGO

142 NO dia 1 de junho abrem os hoteis da empreza das AGUAS DE VIDAGO, conservando-se expostos ao publico durante os mezes de junho, julho, agosto e setembro.

A importancia therapeutica d'estas aguas mineraes tem-lhes feito grangear uma reputação universal, sendo com justa razão consideradas como agentes do mais subido valor em todas as doenças em que está indicada esta medicação. A' riqueza das aguas juntam-se as boas condições em que estão montados os hoteis da empreza, nos quaes se proporcionam as maiores commodidades e conforto.

Do relatorio apresentado pelo dr. Castro Lopo extractamos o seguinte:

DOENÇAS	CASOS	RESULTADOS
Dyspepsia	87	Excellente
Lithiase-biliar	16	Excellente
Eugorgitamento hepathico	25	Excellente
Catarrho vesical	17	Excellente
Lithiase renal	19	Excellente
Gôtta e rheumatismo	4	Melhoras notaveis
Herpes	2	N'um bom resultado
Cymphatismo	1	Bom resultado
Diabetis	12	Excell nte
Albuminuria	1	Algumas melhoras
Bronchite chronica	1	Bom resultado
Anemia	1	Bom resultado
Não qualificadas	20	

«... Como se vê pela estatistica presente não tem diminuido o numero de doentes que annualmente recorrem ao uso das aguas de Vidago, tomadas na sua origem. E' uma prova irrefutavel do quanto se generalisam os bons conceitos que merecem aos clinicos que deparam com casos especiaes como alguns que entram na estatistica, e para alguns dos quaes quasi de todo impotente o arsenal therapeutico que se encontra nas pharmacias.

«... Além dos agentes da mineralisação das aguas, uma parte importante nos resultados, deve-se, sem duvida, ás condições do local onde as eguas brotam, e aos hoteis da empreza, onde se observam todos os preceitos de uma boa hygiene.

«Não nos resta duvida em qualifical-os cemo hoteis de primeira ordem, e tanto mais que esta é a opinião geral que d'elles se faz.

«Se não repetimos aqui as considerações que temos por vezes feito sobre as aguas de VIDAGO é pelo julgarmos desnecessario.

«Que fique ainda assim mais uma vez consignado o conceito que d'ellas fazemos, collocando-as a par das de Vichy, ideia que aliás não nos pertence, pois que foi apresentada pelo sr. dr. Lourenço, mas que no entanto se armonisa com o nosso pensar.

(Assignado) *José de Castro Lopo.*»

A empreza tem feito melhoramentos notaveis nas nascentes de Oura, Villa Verde e Sabroso. Da nascente de Oura, abundantissimas, sahe a agua para o estabelecimento balnear, onde ha banhos de emmersão, circular, douches, etc., consideravelmente melhorados.

A agua de Sabroso, cuja riqueza é revelada pela primeira analyse, collocada em condições mais favoraveis, apresenta acido carbonico livre em quantidade extraordinaria.

A empreza vae mandar proceder a nova analyse, e é de suppor que venha mostrar que entre nós não ha outras que possam rivalisar com ella.

Para Vidago o transporte é facil, havendo na Regoa carros, mala-posta e diligencias que seguem até lá, podendo tambem seguir-se por Guimarães aos Arcos e Villa Pouca.

Para reserva de aposentos ou quaesquer esclarecimentos a correspondencia deve ser dirigida a madame Carvalho ou Miguel Augusto de Carvalho—VIDAGO.

NOVO DEPOSITO
DE
MACHINAS DE COSTURA
CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES
Rua Direita—Aveiro

Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

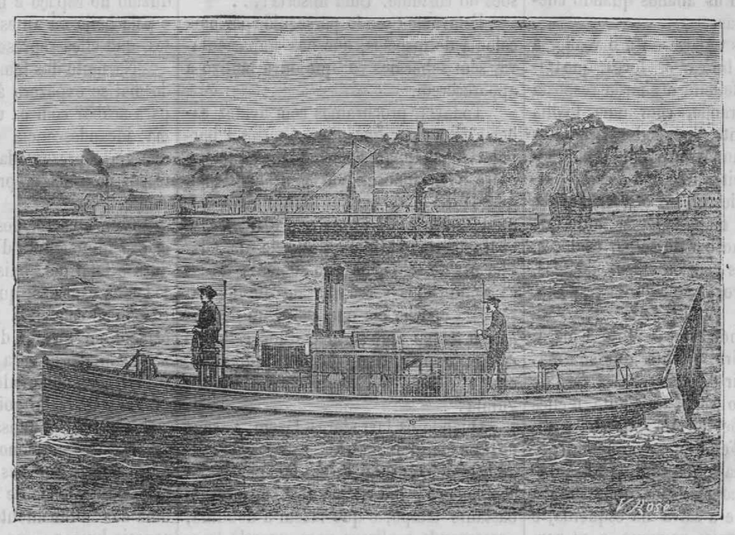
A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO
3

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero pederão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
7
NUMERO TELEPHONICO 168
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS
CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
FUNDIÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS
CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO
CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor; construida em 1883, nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesque obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios e rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo. etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro. Lisboa.

12
ASPHALTO
MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

22
MOLESTIAS SECRETAS
CAPSULAS RAQUIN
Unicas capsulas de gluten **com copahiba**, approvadas pela Academia de Medicina de Paris.
Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrhoes mais intensas.
A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.
EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES
Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignature* de **Raquin** e o sello official (em azul) do *governo francez*.
DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, *78, Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN**, complemento de todo tratamento

VINHO NUTRITIVO DE CARNE
Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia. no acto da comida, ou em caldo, qoando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão

Para evitar a contrafacção, os envolucro, das garrafas devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da le de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior. 9

As pessôas que conhecem as
PILULAS
DO DOUTOR
DEHAUT
DE PARIS
não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

CONTRA A TOSSE
Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada emconformidade da lei de 4 de junho de 1883. 21

51
GOTTA E RHEUMATISMOS
CURA certa pelo **LICOR** e pelas **PILULAS** do Dr **Laville**
Estes Medicamentos são os unicos Antigottosos *analysados e approvados* pelo Chefe das Manipulações chimicas da Academia de Medicina de Paris, o Dr **OSSIAN HENRY**.
O **LICOR** *toma-se para curar os accessos.* — As **PILULAS** *tomão-se durante o estado chronico para impedir novos ataques e obter a cura radical.*
Para premunir-se contra as falsificações, deve-se exigir o SELLO do GOVERNO FRANCEZ e a assignatura
Venda por atacado em PARIS: COMAR, Pharmaceutico, rua St-Claude, 28
DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS
da Faculdade de Paris.

AS TOSSES

135 E TODOS os padecimentos das vias respiratorias, desapparecem rapida e completamente com o uso do xarope peitoral Moura. Este medicamento, que póde ser tambem administrado debaixo da fórma de pilulas, é de gosto muito agradavel e de effeito certo e seguro. O seu extraordinario consumo, sempre crescente e os nemerosos attestados de distinctissimos facultativos e de muitas pessoas que teem feito uso d'este precioso medicamento com o melhor resultado curativo, provam à evidencia a sua grande efficacia. Deposito geral no Porto, Felix & Filho. Preço 500 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

E' falsificado o xarope em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.

VACCA TOURINA

150 QUEM tiver uma vacca tourina nova, de boa raça, mas já a criar e muito leiteira, querendo-a vender, queira dizer onde póde ser vista e contractada, se servir.

LOMBRIGAS

134 NÃO ha remedio nem mais efficaz, nem que tenha merecido mais elogios como as pastilhas vegetaes de Moura. Com o uso d'ellas a expulsão das lombrigas é certa, infallivel e rapida. Os muitos communicados que com tanta frequencia, teem apparecido nos jornaes a respeito de seus maravilhosos effeitos, são a prova mais evidente da sua extraordinaria e incontestavel efficacia. Caixas de 100, 200 e 400 reis. No Porto, pharmacia de Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

São falsificadas as pastilhas em cujas caixas não for o nome de Felix & Filho,

ACABAM OS CALLOS

133 COM a applicação do empelastro preparado por Felix & Filho, desapparecem rapidamente os callos. No Porto, pharmacia de Felix & Filho. Preço 300 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

137
ASTHMA E CATARRHO
Curados COM OS **CIGARROS ESPIC** Em França 2 fr. a CAIXA
Opressões, Tosses, Constipações, Nevralgias
Em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil.-Paris. Venda por grosso, J. ESPIC, Rue St-Lazare, 20. *Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.*

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79
PEGADO A' CAIXA ECONOMICA
AVEIRO
VINDE VER AS

Excellentes e ainda não igualadas machinas de coser de LANÇADEIRA OSCILLANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO
Lançadeira que leva um carrinho d'olgodão.
Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.
A agulha é sempre ajustavel.
Dá dois mil pontos n'um minuto!
Levissimas no trabalho e silenciosas sem ignal.
Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.
Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu machinismo é ajustavel e com ouso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANNOS

SINGER
Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER
A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e vinda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro.

SINGER
Para familias, asfaiates, modistas, chapelleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER
Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER
A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINCER
Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 machinas! devido isto á sua grande aceitação, supplantando assim todos os outros systemas modernos, que jàmais poderão competir com a machina SINGER

SINGER
Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!
Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.
Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.
Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.
Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.
Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.